

20 anos
abag



Há 20 anos
contribuindo para o
agronegócio crescer





Desde sua criação em 1993, a Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) tem trabalhado para o fortalecimento da cadeia produtiva do agronegócio. O Brasil, um dos maiores produtores de alimentos, fibras e energia renovável do mundo, tem um papel estratégico para a segurança alimentar e energética do planeta. Nossa vocação para o agronegócio cria um grande desafio: crescer de forma sustentável, com prioridade ao desenvolvimento econômico, social e ambiental. Temos a responsabilidade de suprir essas necessidades agora e no futuro. A ABAG, em seus 20 anos de existência, esteve e continuará sempre empenhada em sua missão de disseminar a importância do agronegócio para os diversos setores da sociedade.



Sumário

| | |
|-------------------------------------|----|
| Prefácio | 6 |
| Missão e Visão | 8 |
| História | 9 |
| Homenagens | 16 |
| Congresso Brasileiro do Agronegócio | 18 |
| Fóruns | 32 |
| Eventos e Parcerias | 42 |
| Economia Verde | 48 |
| Comitês | 50 |
| Comunicação | 52 |
| Publicações | 58 |
| Documentos | 59 |
| Renovar a própria história | 62 |
| Diretoria | 64 |
| Associadas | 68 |



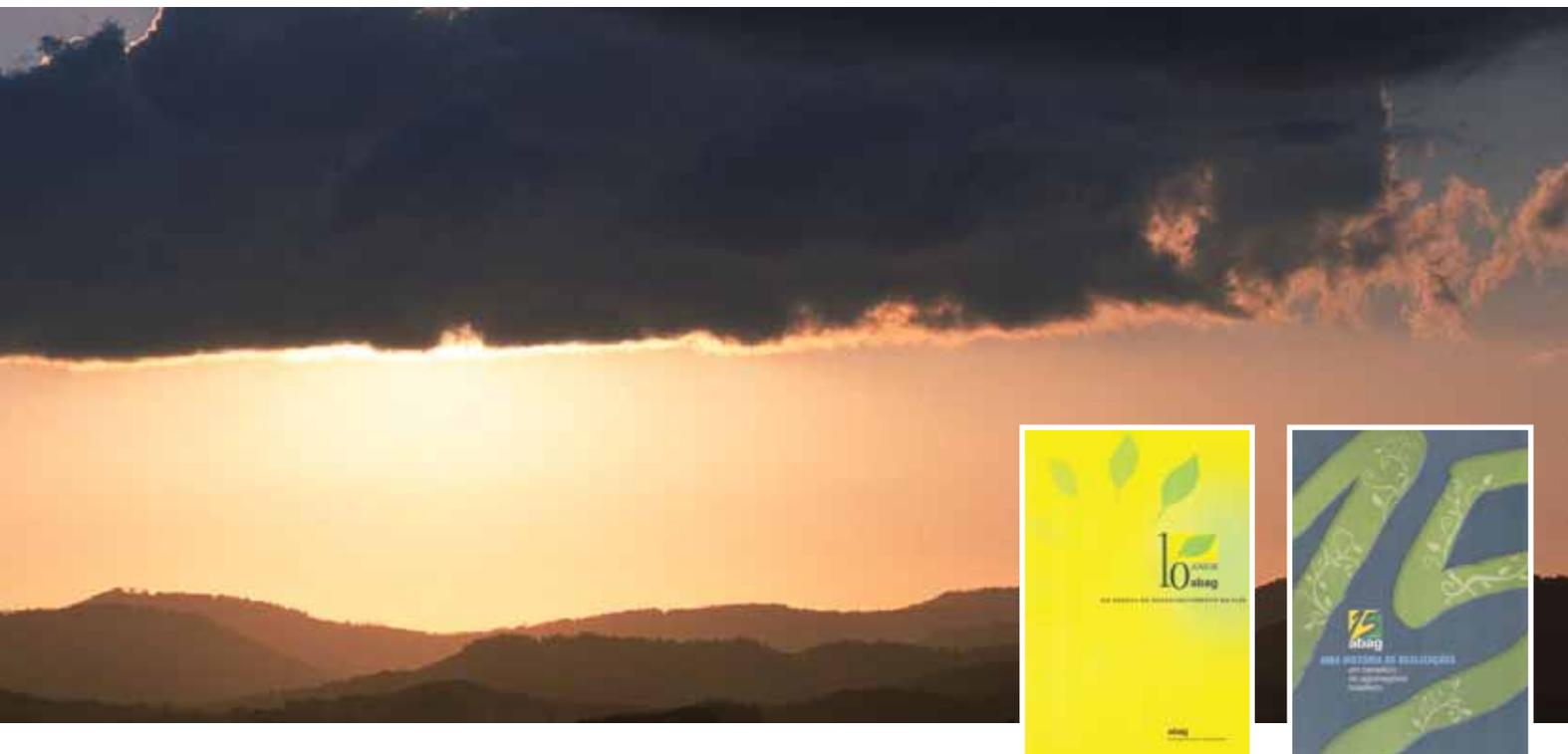
Prefácio

No agronegócio brasileiro, o governo e a cadeia produtiva estão cada vez mais sensíveis sobre o conceito da sustentabilidade, nas suas dimensões econômicas, sociais e ambientais. Isso fomenta uma mobilização extraordinária no País. Ele representa um quarto do PIB e o Brasil é terceiro no ranking mundial das exportações agropecuárias in natura e industrializadas, com perspectivas sólidas de crescimento nas próximas décadas. Essa tendência faz parte dos estudos de entidades internacionais de referência, como a Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Órgão das Nações Unidas Para Alimentação e Agricultura (FAO).

Grandes e prioritários temas globais, as questões das seguranças alimentar e energética são um espaço aberto para a exposição privilegiada de marcas e produtos aqui no País e no exterior. Com a expressão global adquirida, o agronegócio brasileiro influencia as empresas a fazerem um alinhamento internacional a partir de soluções locais. Veja, por exemplo, o etanol brasileiro feito de cana-de-açúcar, reconhecido como combustível avançado pelos Estados Unidos, que faz parte da lei energética nacional do País. Praticamente, isso constitui uma exceção singular em relação aos outros tipos de negócios realizados pelo Brasil. Extremamente positivo para o plano reputacional do setor, esse atributo excêntrico rompe barreiras tecnológicas e, como consequência, comerciais.

No Brasil, a construção de um sistema tão complexo e amplo como o de alimentos, fibras e biomassa requer elaboração acurada. Como está associado ao crescimento e desenvolvimento nacional, cabe um trabalho frequente de revisitar a sua história. Temos realidades díspares em termos regionais de ocupação e uso do solo. Da segunda metade do século passado aos dias correntes, a expansão da fronteira agropecuária contribuiu sobremaneira para a integração do País, com IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) elevado.

Ao longo do tempo, os pioneiros introduziram as primeiras práticas tropicais de produção. Das áreas tradicionais de canaviais, cafezais e milharais, foram inovadores na abertura das matas com a implantação das lavouras de arroz de toco e a dobradinha do boi zebu com a brachiaria. Nos anos setenta, aparece na sojicultura o sistema do plantio direto na palha, enquanto o Programa Nacional do Álcool trouxe outro horizonte para a cana-de-açúcar. Mérito dos agricultores e da pesquisa (Embrapa, institutos federais, estaduais, faculdades, etc.), a tecnologia nativa domesticou os solos fracos e de acidez alta no cerrado do Brasil Central. Norman Borlaug, engenheiro agrônomo americano, Prêmio Nobel da Paz e pai da revolução verde, dizia: “enquanto o resto do mundo ocupou os solos de melhor qualidade, o Brasil recupera os piores. É uma mudança na história da agricultura mundial”.



Força da narrativa

Internacionalmente, diante de seu célere crescimento econômico neste século, é natural o agronegócio brasileiro despertar a atenção estrangeira. O setor demorou 500 anos para alcançar a exportação de US\$ 20 bilhões em 2000, para galgar os US\$ 97 bilhões em 2012. Esse caminho irreversível de protagonismo coloca o desafio de produzir inovações e informações com base na pesquisa e na ciência sobre a agropecuária brasileira. A moderna tecnologia agropecuária foi historicamente desenvolvida na zona temperada, enquanto a tropical brasileira ocorreu, praticamente, a partir da segunda metade do século passado. Somos o país de maior expressão no agronegócio tropical.

Constituem perda de tempo e energia os debates de falsas questões entre ruralista e ambientalista, produto de abastecimento interno e exportação, produção familiar e empresarial e tecnologia convencional, transgênica e orgânica. São todos fruto de um só agronegócio, em termos de concepção das políticas públicas e na tomada da decisão empresarial. Romper essa barreira é fundamental para se divulgar os produtos e marcas do nosso agronegócio aos consumidores além-fronteiras, com sua exuberância e qualidade.

Vivemos a realidade do programa da Agricultura de Baixo Carbono (ABC). É a recuperação de

pastagens degradadas, a consolidação do sistema de plantio direto na palha em mais de 30 milhões de hectares, além da introdução da Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF). Fazem parte, também, as florestas plantadas, a fixação biológica de nitrogênio no solo e o tratamento de dejetos de resíduos. Máquinas e implementos em constante inovação propiciam o avanço tecnológico. Estamos no princípio desse ciclo promissor, produzindo alimento, energia renovável e melhorando os solos o tempo todo.

Com seus posicionamentos em congressos, fóruns e documentos, muitos dos quais, em parcerias com as coirmãs, a ABAG sempre esteve comprometida com a geração e propagação de conteúdos e narrativas para agregar valor ao agronegócio. Essa atribuição ficou agora mais importante: investigar, antecipar e modelar estreitam o vínculo com os agentes ligados diretamente ou indiretamente ao setor.

A ABAG é uma importante ponte de conexão entre o governo, as empresas e a sociedade nas questões do agronegócio. As ações devem ser definidas para garantir a exibição conveniente, a defesa e o equilíbrio entre os elos das cadeias produtivas, cuidando dos temas ditos transversais, ou comuns às várias cadeias. O presente “caderno” celebra os 20 anos da ABAG, assim como foi realizado na comemoração dos seus 10 anos e 15 anos.

Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)
Presidente

Missão

A ABAG tem como principal objetivo buscar o equilíbrio nas cadeias do agronegócio, de modo a valorizá-las, ressaltando sua fundamental importância para o desenvolvimento sustentado do Brasil.

A consequência de nossos esforços deverá ser a liderança global brasileira na oferta, de forma competitiva, dos produtos agroindustriais.

Visão

Ser efetiva entidade de suporte aos elos da cadeia produtiva do agronegócio brasileiro.

História

A Associação Brasileira de Agribusiness* foi criada em 10 de março de 1993. A apresentação oficial da entidade ocorreu no Congresso Nacional, em Brasília, pelo presidente fundador, Ney Bittencourt de Araújo.

Em uma época conturbada da economia do País, o fundador da ABAG, um visionário e apaixonado pelo agronegócio brasileiro, traçou com privilegiada lucidez algumas perspectivas para a entidade. No que tange a sua visibilidade, projetou maior exposição do setor à medida que o reconhecimento das cadeias produtivas se disseminasse nos quatro cantos do País. Vivamente, essa tendência é constatada nos dias atuais.

À frente da ABAG, Ney buscou reunir todos os representantes do setor para fortalecer o Agribusiness brasileiro, a fim de expandir a participação dos nossos produtos no mercado mundial.



Ney Bittencourt de Araújo, fundador da ABAG

***Em 2010, a ABAG passa a se chamar Associação Brasileira do Agronegócio.**



A quebra de paradigmas

Ney Bittencourt de Araújo

Trechos do discurso proferido pelo fundador da ABAG na cerimônia de posse da Diretoria e Conselho da entidade, no dia 6 de maio de 1993, no Auditório Nereu Ramos do Congresso Nacional, em Brasília.

Os problemas acumulados, historicamente, pelo Brasil colocam o País diante de formidáveis desafios. Necessita equacionar e solucionar quatro grandes problemas estruturais: organizar o processo de desenvolvimento sustentado; integrar-se à economia internacional; eliminar as profundas desigualdades de renda e bolsões de miséria que o caracterizam e respeitar o meio ambiente.

Desenvolvimento sustentado exige vantagens competitivas. Requer um modelo baseado – pelo menos no início – em condições preexistentes de modelos de produção competitivos que permitam, sem artificialismos, fazer deslanchar a economia do País de forma estável.

A integração à economia internacional está condicionada ao desenvolvimento sustentado. O Brasil tem, hoje, a mais fechada das economias: exporta apenas 9% do seu PIB e importa tão somente 6%. Em um mundo que se globaliza, estamos à beira da marginalização. Mas, somente com atividades econômicas competitivas, que nos permitam disputar nichos de mercados externos, teremos condições de promover esta integração.

Promover a eliminação da miséria e buscar adequada distribuição de renda é outro problema que requer grandes estratégias. Além do enorme esforço na educação, ainda por fazer, e na redução do grande desperdício de recursos que caracteriza nossa socie-



dade, necessitamos desconcentrar nossos polos de desenvolvimento. Precisamos interiorizar o desenvolvimento criando polos de atividade competitiva que agreguem valor e gerem empregos, evitando o inchaço de poucas megalópoles.

Respeitar nosso meio ambiente, preservando o País para as futuras gerações e usando adequadamente nossos imensos recursos naturais, é tarefa urgente, mas que depende de desenvolvimento econômico, educação, ciência e tecnologia. Somente a qualidade e a produtividade permitem o investimento adequado, urbano e rural, nos mecanismos delicados de uso adequado dos recursos disponíveis. A miséria e a ignorância são perigosos agentes de poluição.

O processo acelerado de industrialização (através da substituição de importações) que caracterizou o modelo de desenvolvimento do país a partir da Segunda Guerra Mundial promoveu mudanças profundas na sociedade brasileira e, principalmente, nas relações cidade-campo. Até então, o Brasil era um país rural, com 70% de sua população no campo.

A velocidade do processo de industrialização e, principalmente, de urbanização a que o País foi submetido promoveu mudanças radicais na cadeia de alimentos e fibras.

Do lado positivo, uma rápida tecnificação do setor rural. Surge e se desenvolve um novo segmento antes da porteira da fazenda: pesquisa e experimentação passam a ser exigências fundamentais; sementes melhoradas; corretivos e fertilizantes; defensivos agrícolas; tratores; máquinas e equipamentos; combustíveis; matrizes animais oriundas de melho-

ramento genético; vacinas, rações e medicamentos veterinários desenvolvem-se como novas indústrias. Surgem os mecanismos especializados de crédito, para custeio e investimento e aparecem as ações de “marketing” no campo.

Por outro lado, o esvaziamento do campo e o crescimento vertiginoso das cidades promoveram rápida inversão do perfil urbano-rural: em pouco mais de 40 anos, passamos a ter 70% da população nas cidades e 30% no campo. Hoje 25%. O agricultor passou a ser um especialista em plantar e criar, em íntima interdependência com os segmentos a montante e a jusante da fazenda. Nesse momento, desenvolve-se a grande agroindústria, moderna e tecnificada, que passa à liderança do processo produtivo e surgem as mais eficientes cadeias, como a do complexo soja e a avicultura industrial. Consolidam-se as grandes cooperativas.

O surgimento desse novo sistema não foi privilégio brasileiro: a diferença, aqui, foi a velocidade da transformação. Os países desenvolvidos experimentaram o processo antes: em 1957 dois professores de Harvard (John Davis e Ray Goldberg) já haviam detectado as radicais mudanças havidas na agricultura. Reconhecendo que a “nova agricultura” era radicalmente diferente da agricultura tradicional, um sistema novo com variáveis novas, decidiram dar-lhe um novo nome, inventado por eles e de difícil tradução – agribusiness. E, por agribusiness, entendiam a soma total das seguintes operações: produção e distribuição de insumos e difusão de novas tecnologias agrícolas; a produção agrícola propriamente dita; armazenamento, transporte, processamento e distribuição dos produtos da terra e seus derivados.



No agribusiness várias cadeias são extremamente competitivas e muitas poderão sê-lo com pequenos ajustes e baixos investimentos. Está no agribusiness a mais importante saída, a curto prazo, para aumentar a integração do Brasil à economia internacional e a grande oportunidade de descentralização industrial. E até mais importante que tudo isto, depende da eficiência do agribusiness a SEGURANÇA ALIMENTAR do País, pedra fundamental de seu desenvolvimento como sociedade justa.

Reconhecendo que a sociedade brasileira, e o seu Governo, não têm aplicado à cadeia de alimentos e fibras a visão sistêmica que seu aperfeiçoamento e desenvolvimento exigem; reconhecendo que esta miopia tem, nos últimos anos, deteriorado a capacidade e eficiência do sistema; e reconhecendo que o desenvolvimento sustentado do Brasil começa, necessariamente, pela Segurança Alimentar e, conseqüentemente, pelo fortalecimento da cadeia de alimentos e fibras, um grupo de empresas, de todos os segmentos do AGRIBUSINESS – produtores de insumos, agricultores (principalmente através de suas cooperativas), processadores, industriais de alimentos e fibras, “traders”, distribuidores e áreas de apoio financeiro, acadêmicos e de comunicação – aliados a entidades e lideranças do sistema, decidiu fundar a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGRIBUSINESS – ABAG.

A ABAG nasce de uma visão e uma missão. A visão é a de que a vocação, a capacitação e os recursos brasileiros no agribusiness podem, se adequadamente administrados, contribuir de forma decisiva para vencer os quatro grandes desafios da sociedade brasileira: o desenvolvimento sustentado, a integração à economia internacional, a melhoria da distribuição

de renda através da desconcentração de polos de desenvolvimento e o respeito do meio ambiente.

A missão, penosa, ambiciosa e difícil, é sistêmica e se encadeia em múltiplas tarefas. A primeira, e a maior delas, é a de conscientizar os segmentos formadores de opinião e decisórios do País – os políticos, os empresários, os sindicatos, os acadêmicos, os líderes da comunicação – para a importância e a complexidade do sistema do agribusiness, a relevância do seu papel no desenvolvimento econômico e social, e a necessidade de tratá-lo sistemicamente, sem o que torna-se impossível otimizá-lo.

A segunda é transformar a ABAG em importante ferramenta de apoio ao planejamento do agribusiness brasileiro. Para isso, teremos de torná-lo conhecido. É o desconhecimento mais elementar de seu funcionamento e dos seus elementos mais importantes que impedem a visão do seu conjunto e as importantes interações que ocorrem dentro do sistema. Este desconhecimento, fruto da ausência, falta da qualidade ou desestruturação de informações (ainda não dispomos nem mesmo de um trabalho confiável de previsão de safras) não permite identificação de gargalos, gerando políticas voláteis, projetos inadequados, investimentos desastrados, insegurança dos agentes do sistema e, principalmente, um brutal desperdício de recursos e esforços. Há que se estruturar um sistema integrado de informações, processá-las e digeri-las, permitindo análises e estudos que gerem políticas e projetos articulados de desenvolvimento.

A ABAG nasce em momento especialmente difícil da história do País. O Brasil passa por dura crise existencial, fruto de seus erros políticos, sociais e estratégicos do passado. Nossa crise não é apenas



econômica: é política, é social, é ética. O brasileiro, antes de tudo, busca seu sentido de cidadania. Busca romper o diálogo maniqueísta característico de regimes autoritários e ideologias ultrapassadas, para que possa reordenar seu Estado, sem o que não pode ser Nação.

Nesta linha, nossos primeiros objetivos serão os gargalos que obstruem o processo de desenvolvimento do agribusiness, tais como: o desafio tecnológico, em todos os segmentos do sistema; a questão da infraestrutura – armazenamento, transporte, energia e comunicações que permitam a expansão da agroindústria e onde as deficiências promovem enormes perdas e aumentos de custos; o problema da tributação do alimento; a modernidade do processo de comercialização agrícola e o aprimoramento da distribuição industrial e muitos outros, todos eles centrais à eficiência do sistema, social e economicamente.

Competitividade exige harmonização de vários componentes, mas dois deles são essenciais: tecnologia e gestão. Muito se tem falado sobre o crescimento exponencial da ciência e da tecnologia como alavancadores do crescimento recente no mundo desenvolvido. Reconhece-se que o centro do poder migrou do capital para a capacitação científica e tecnológica, centrada na informação. Mas a revolução da informação promoveu também a revolução da gestão. Novas técnicas de ação administrativa aumentaram exponencialmente a produtividade dos indivíduos e permitiram novos conceitos de qualidade e excelência onde a renovação contínua dos produtos, a custos cada vez mais baixos, são as características mais importantes. O melhor pelo preço mais baixo passa a ser a lei da competitividade.

Depende da eficiência
do agribusiness a
segurança alimentar
do País, pedra
fundamental de seu
desenvolvimento
como sociedade justa.





A ABAG nasce com a missão de conscientizar os segmentos decisórios e formadores de opinião para a importância e a complexidade do sistema do agribusiness.

Na década de 80 – chamada por muitos de “a década perdida” – o setor agrícola apresentou ganhos de produtividade importantes, diferenciados da maioria dos outros setores econômicos. Grande parte destes ganhos foram oriundos da modernização e investimentos em pesquisa na década de 70. A partir de 1989, a produção agrícola estagnou e, por várias vezes, os produtos alimentares passaram de agentes reductores de inflação a agentes inflacionários.

Se tomarmos os principais grãos produzidos no Brasil (arroz, milho, soja, feijão) e o algodão veremos que, no período de 1980 a 1992, crescemos nossa produção em 2,4% ao ano, a produtividade em 2,05% enquanto o valor real da produção caiu em 5,46% ao ano e os preços em 8,7% ao ano. Isto demonstra a força do sistema produtivo agrícola, principalmente do Centro-Sul, mas mostra que os ganhos de produtividade têm sido menores que a queda dos preços, promovendo a estagnação da produção nos anos recentes. A instabilidade econômica, as políticas agrícolas voláteis e o protecionismo internacional são grandes responsáveis pelo fenômeno. Mas se queremos aumentar, substancialmente, a oferta de alimentos (sem o que uma política de segurança alimentar é inviável) e contar com o agribusiness como nossa principal alavanca de desenvolvimento, temos a necessidade urgente de um novo surto de produção e produtividade agrícolas que coloque nosso agribusiness em novos patamares.

Uma política de segurança alimentar terá que reconhecer este fato e assumir que só terá sucesso através da dissolução dos gargalos da cadeia de alimentos e fibras e aumento da eficiência de todos os seus segmentos. E isto vai exigir revisão de prioridades da sociedade brasileira em seu modelo de desenvolvimento, investimento mais em ciência e tecnologia,





infraestrutura, revendo seu modelo fiscal e tributário e orientando a política macroeconômica para o apoio deste grande projeto. Não é demais repetir que sua viabilidade está condicionada à estabilidade de nossa economia, pré-condição de qualquer reorientação de nosso modelo de desenvolvimento.

Evidentemente, que mudanças substanciais de aumento de eficiência do sistema não serão obtidas em curto prazo. E, mais evidente ainda, que algo precisa ser feito com urgência para minorar o problema da subnutrição, em níveis já inaceitáveis. Um programa de emergência de Segurança Alimentar já é prioridade do Governo.

Obviamente, a preocupação sobre a alimentação das classes menos favorecidas tem duas dimensões: uma urbana e outra rural. Pela multiplicidade de sistemas de distribuição disponíveis, entretanto, há maior facilidade de planejar e implementar programas de auxílio alimentar nas áreas urbanas que nas rurais. Estratégias como redução ou eliminação de tributos da cesta básica; alimentos subsidiados; bônus alimentação distribuído aos baixos níveis de renda; merenda escolar e alimentação de nutrízes são programas dispendiosos, mas exequíveis às áreas urbanas.

É extremamente importante que o debate sobre uma Política de Segurança Alimentar, quer urbana, quer rural, seja entendido como uma decisão da sociedade como um todo, que exige investimentos e é de difícil aplicação. O Brasil é um arquipélago de realidades totalmente diferentes. Aqui coexistem “países” de características extremamente diferenciadas – físicas, econômicas, sociais e até culturais – exigindo total descentralização de uma política de segurança

alimentar, seja urbana ou rural. O ideal seria centrá-la no município e na comunidade.

O Governo e a sociedade brasileira poderão contar com a contribuição da ABAG, no apoio à busca de soluções para problema de tal relevância.

Pela sua visão e pela sua missão, a ABAG não é uma associação a mais. Até pela sua própria constituição, com representantes de todos os segmentos, a ABAG não pode se envolver em eventuais desacertos setoriais, nem exercer “lobbies” específicos. Ela não nasce para substituir as associações dos vários segmentos que a constituem, todas elas, estatutariamente, participantes de seu Conselho Consultivo. Sua ação vai estar concentrada no âmbito maior do sistema, no estudo e no processo de dissolver os gargalos do agribusiness. Sua ação política vai se basear, fundamentalmente, nas ferramentas da ação estruturada e na racionalidade, manejadas com espírito público e ampla participação de todos os segmentos que a constituem. Irá atuar internacionalmente junto à Associação Internacional de Agribusiness, para que o Brasil seja ouvido e manterá relações sistemáticas com associações congêneres de outros países.

Agradeço, em meu nome e da Diretoria, às empresas pioneiras que tiveram a visão cívica de fazer a ABAG existir e ao Conselho Administrativo, que nos delegou a responsabilidade e a honra de fazê-la deslançar.

A todos que nos honraram com a presença, nosso sincero agradecimento.

MUITO OBRIGADO
Ney Bittencourt de Araújo
Presidente

Homenagem

Aos cinco ex-presidentes, que contribuíram para a consolidação da missão e para o desempenho da ABAG

Ney Bittencourt de Araújo



O fundador da ABAG, Ney Bittencourt de Araújo (in memorian), nasceu em 1936 em Viçosa (MG). Filho de Antônio Secundino de São José, o fundador da Agroceres. Formou-se em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa e graduou-se pela American Management Association, em Nova York, no Curso Avançado de Administração.

Como presidente da Agroceres, foi também diretor, conselheiro ou presidente de 21 entidades nacionais e internacionais ligadas ao Agribusiness. Foi membro do Conselho Técnico do Industry Council for Development (órgão ligado ao Banco Mundial, em Nova York), e ao International Board da Iama, em Boston.

Ney Bittencourt de Araújo foi pioneiro no Brasil ao lançar as bases do conceito da cadeia produtiva do agronegócio, o que o fez capitanear a constituição da ABAG.

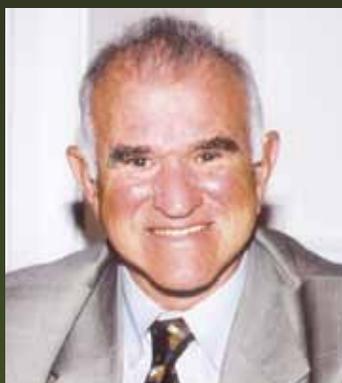
Arturo José Furlong



Arturo José Furlong (in memorian) nasceu na Argentina em 1929, mas naturalizou-se brasileiro. Foi no Brasil que construiu sua carreira no agronegócio. Trabalhou nas empresas Wilson Sons S.A, DuPont do Brasil S.A. e atuou por mais de 30 anos no grupo Bunge, como diretor da Sanbra e presidente da SAMRIG Moinhos Riograndense.

Sua atuação no campo institucional não foi menor. Presidiu, por duas gestões, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), foi vice-presidente da International Association of Seed Crushers (IASC), diretor e vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA). Na ABAG foi eleito vice-presidente em junho de 1994 e em janeiro de 1996 assumiu a Presidência pelo período de seis meses.

Luiz Alberto Garcia



Luiz Alberto Garcia nasceu em 1935, em Uberlândia (MG). Formou-se em Engenharia Eletrônica pela Escola Federal de Itajubá. Atualmente, é presidente do Conselho de Administração da Algar, grupo empresarial fundado por seu pai, Alexandrino Garcia, que atua nos segmentos de Telecom/TI, Agro, Serviços e Entretenimento. O setor agro do grupo corresponde a 34% da receita total. O grupo Algar conta com 20 mil colaboradores.

A determinação e a vocação de Luiz Alberto Garcia para enfrentar e superar desafios o levou a aceitar a difícil missão de reestruturar a ABAG num período delicado para esta instituição. Sua gestão foi de 1996 a 1999.

Roberto Rodrigues



Roberto Rodrigues nasceu em Cordeirópolis (SP), em 1942. Engenheiro agrônomo formado pela ESALQ USP é atualmente coordenador do Centro de Agronegócios da Fundação Getulio Vargas e pesquisador visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP. É autor de nove livros e coautor de diversos outros. Doutor Honoris Causa pela UNESP.

É o embaixador especial da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo. Foi dirigente de cooperativas agrícolas e de crédito rural. Foi presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB, da Organização Internacional de Cooperativas Agrícolas e da Aliança Cooperativa Internacional – ACI. Como presidente da ABAG (de 1999 a 2002), foi o responsável pela criação do Congresso Brasileiro do Agronegócio e deixou o cargo para assumir o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Carlo Lovatelli



Carlo Lovatelli nasceu em São Paulo em 1945. É bacharel em Física, pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em Administração de Empresas, pela Fundação Getulio Vargas.

Lovatelli preside atualmente a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove). Foi executivo da Bunge por 33 anos em várias áreas. Assumiu a Presidência da ABAG em 2002 e permaneceu no cargo por três gestões, até 2011. Nesse período, consolidou os eventos da ABAG, como o Congresso Brasileiro do Agronegócio e os Fóruns, entre os principais encontros para discussão de temas estratégicos para o setor.

A large audience of men in suits is shown clapping. The men are seated in rows, and many are looking towards the camera or slightly to the side. The background is filled with more people, creating a sense of a large gathering.

Congresso Brasileiro do Agronegócio

Realizado anualmente
há 12 anos, o evento é
consagrado no setor



2002

1º Congresso Brasileiro de Agribusiness “Plano Estratégico 2002/2010”



A primeira edição do Congresso Brasileiro de Agribusiness (CBA) é idealizada pelo ex-ministro Roberto Rodrigues, que na época presidia a ABAG. O seu conteúdo tem como base o Projeto Estratégico de Desenvolvimento do Agronegócio Brasileiro até 2010. O desafio é trazer à luz os instrumentos necessários para potencializar o crescimento do agronegócio brasileiro.

Do 1º CBA resulta a “Carta do Agribusiness Brasileiro na Perspectiva 2010”, com uma visão política do setor, para subsidiar os tomadores de decisão da iniciativa privada e do governo, a partir de três blocos:

- 1º Metas e políticas para a expansão do setor;
- 2º Agenda brasileira diante das tendências do agribusiness mundial;
- 3º A importância do agricluster para a construção da competitividade nas cadeias produtivas.

Como naquele ano ocorriam fatos muito significativos, tais como as eleições presidenciais e as rodadas de negociações internacionais da Organização Mundial do Comércio (OMC), a repercussão do 1º CBA deixou a marca da sua continuidade para os próximos anos.

Presidente da ABAG, Roberto Rodrigues, no discurso de abertura do 1º CBA



2003

2º Congresso Brasileiro de Agribusiness "Construindo Estratégias"

Fotos: Fernando Elias



Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva participa do encerramento do 2º CBA

Articulado com a finalidade de destacar as vantagens comparativas e a necessidade de fortalecer as vantagens competitivas do agribusiness brasileiro, traça uma linha de continuidade às proposições do 1º CBA. No evento são apresentados e discutidos os macro-objetivos e é delineada uma agenda para o setor no cenário 2010. As vantagens comparativas com custos de produção mais baixos na agricultura são reconhecidas não apenas no Brasil, mas também no mercado externo.

Assim como aconteceu em sua primeira versão, o 2º CBA registra mais um grande tento, ao atrair para o auditório do Palácio Itamaraty, em Brasília, um seletor público para ouvir e debater com renomados palestrantes assuntos fundamentais sobre agronegócio nacional e internacional. O CBA tem a sua consolidação no calendário do setor. Na visão sistêmica do agronegócio, o Brasil precisaria buscar as vantagens competitivas nas atividades além das porteiras das fazendas.

2004

3º Congresso Brasileiro de Agribusiness “Criando Vantagens Competitivas”

Fotos: Clóvis Ferreira



Cláudio Lembo,
vice-governador SP;
José Alencar
Gomes da Silva,
vice-presidente
da República; e
Carlo Lovatelli,
presidente da ABAG

Ao estabelecer uma ponte com os outros dois congressos anteriores, o evento destaca que a importância do agronegócio na geração de renda e emprego para a economia tem alcançado posição ímpar e crescente. A recente e célere expansão da produção agroindustrial abre a possibilidade para o Brasil galgar posições no ranking mundial da produção e exportação de alimentos, fibras e energia renovável. Mas, os riscos nas tarefas de produzir e exportar exigem exigência de novos padrões de qualidade.

Nas últimas três décadas, novos conceitos imprimiram à agricultura incrementos tecnológicos e de gestão. Os ganhos de produtividade e de escala de produção avançam em números jamais alcançados. Tudo isso, somado ainda à diversificação e à verticalização das atividades agropecuárias, reflete uma mudança enorme em nossa cultura agrícola: definitivamente, as propriedades rurais brasileiras precisam ser administradas como empresas, articuladas às áreas de indústria, comércio e serviços. O rastreamento da produção ao longo da cadeia produtiva será um dos próximos desafios.

Lançamento do Prêmio Personalidade do Agronegócio 2004

Esta homenagem simboliza o reconhecimento de um trabalho prestado em prol do agronegócio brasileiro. Não significa uma obra de curto prazo, mas, sim, uma tarefa de construção longa e perseverante.

O nome de Dr. Isaac Ribeiro Ferreira Leite foi unânime para essa homenagem, um exemplo de vida e dedicação à causa desse País.

Nosso homenageado é engenheiro civil, mecânico e eletricitista pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Mineiro de Monte Santo de Minas e um dos sócios-fundadores da ABAG. Em 1957 fundou a Cooperativa Regional de Cafeicultores de Guaxupé - Cooxupé.

(Trecho do discurso proferido pelo presidente da ABAG, Carlo Lovatelli, na entrega do prêmio ao Dr. Isaac)



Dr. Isaac Ribeiro (in memoriam) e Carlo Lovatelli durante entrega do 1º prêmio “Personalidade do Agronegócio 2004”

2005

4º Congresso Brasileiro de Agribusiness "Alimentos, Energia e Sustentabilidade"

Fotos: Clóvis Ferreira



Carlo Lovatelli e Luiz Fernando Furlan, ministro do MDIC

Palestra de Antônio Ermírio de Moraes, presidente do Conselho do Grupo Votorantim

O debate está centrado na necessidade de consolidação do ideário produzido nos outros três Congressos, com ações públicas de interação entre governo e iniciativa privada. Avanços significativos em diversas áreas são assinalados. O desafio está em reverter o desencadeamento de fatos com a guarida da burocracia, a ideologia e a falta de compreensão da importância estratégica do agronegócio para o desenvolvimento do País. Nas áreas de logística e infraestrutura, a deterioração cresce a olhos vistos. É imprescindível a aplicação de instrumentos como as Parcerias Público-Privadas (PPPs), para atrair os investimentos internos e externos.

A Lei do Seguro Rural, recentemente aprovada, requer recursos. Produtos nacionais são barrados em grandes mercados. O caso mais notório é o da carne bovina, em razão da febre aftosa. O planejamento territorial também se configura como alternativa para a solução da controversa discussão sobre as mudanças do Código Florestal. A aprovação da Lei de Biossegurança significa importante conquista, assim como a adição do biodiesel no diesel e as vitórias nos contenciosos da Organização Mundial do Comércio do açúcar e do algodão. O próximo passo é alavancar a imagem institucional do agronegócio.

Prêmio Personalidade do Agronegócio 2005 Dr. Fernando Penteadó Cardoso

Nasceu em São Paulo, em 19 de setembro de 1914. É engenheiro agrônomo formado na ESALQ e fundador da Manah. Atualmente, é presidente da Fundação Agrisus – Agricultura Sustentável. Uma personalidade encantada pela agricultura tropical.



Roberto Rodrigues entrega o prêmio ao Dr. Fernando P. Cardoso

2006

5º Congresso Brasileiro de Agribusiness "Bases para o Futuro"

Foto: Clóvis Ferreira



Presidente da ABAG, Carlo Lovatelli, na cerimônia de abertura do 5º CBA

Desenvolvido com o intuito de superar o cacete da elaboração de diagnósticos, já exaustivamente levantados, para com criatividade e determinação, buscar meios de abraçar as oportunidades abertas nesse novo mundo. Os desafios passam pela necessidade de alimentar o homem e suprir a demanda de energia de forma sustentável. Sem ideologia, nessa caminhada deve prevalecer o bom senso, a transparência e a retidão. A construção dessa base se faz com a coalizão entre a academia e os setores públicos e privados.

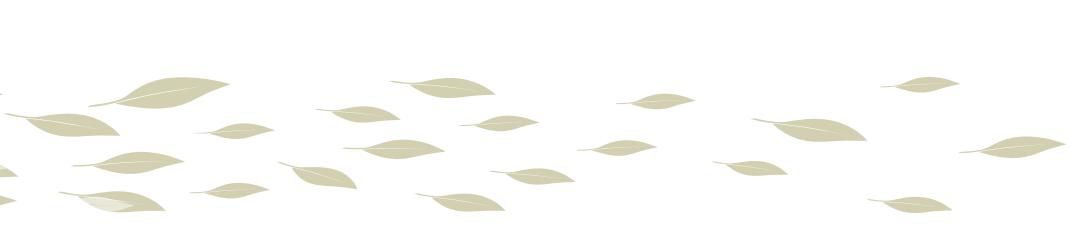
O foco dos debates está centrado nas propostas apresentadas pela ABAG aos candidatos à Presidência da República. A omissão é o maior pecado da humanidade. Ninguém fará o futuro por nós. Existe a contribuição das associações coirmãs e autoridades setoriais. Em ano de eleição presidencial, é vital o comprometimento dos candidatos com as mudanças no modo de pensar e agir do poder público. Isso também serve para todos os representantes legitimamente eleitos para os poderes legislativo e executivo.

Prêmio Personalidade do Agronegócio 2006 Alysson Paolinelli

Engenheiro agrônomo, formado pela Escola Superior de Agricultura de Lavras. Foi ministro da Agricultura e Abastecimento de 1974 a 1979, quando ajudou a consolidar a recém-criada Embrapa. Batalhador sem limites pela expansão da agricultura no cerrado.



Alysson Paolinelli e esposa na entrega do prêmio



2007

6º Congresso Brasileiro de Agribusiness "Brasil: um só Agronegócio"

Fotos: Clóvis Ferreira



Dep. Barros Munhoz, Francisco Matturro, César Borges de Sousa, Carlo Lovatelli, Dep. Duarte Nogueira e Luiz Lourenço

Ratifica a profunda perda de tempo e energia que representa a pretensa dicotomia entre agricultura alimentar e energética, bem como a familiar e empresarial. O campo é singular do ponto de vista da tecnologia e da gestão. É ver e entender tudo isso como um só agronegócio. Com a crescente inserção desse setor e do Brasil no comércio internacional, daqui para frente exigirá cada vez mais estratégias competentes para desenvolver as cadeias produtivas nacionais. Esse cenário coloca pontos prioritários novos na agenda de trabalho.

As barreiras técnicas de comércio mostram sinais de crescimento, enquanto as tarifárias diminuem. Precisamos de capacitação no campo das normas, regulamentações e avaliação da conformidade. Certificação de produtos e serviços é um objetivo a ser atingido, mas informações e registros nas etapas que a precedem e a participação de todos os grupos interessados (stakeholders). Podemos evoluir em produção e produtividade e suprir a demanda por alimentos, fibras e energia, com a geração de renda e emprego, em convívio harmônico com o meio ambiente e a responsabilidade social.

Prêmio Personalidade do Agronegócio 2007 Roberto Rodrigues

Engenheiro agrônomo formado pela ESALQ, produtor rural, ex-ministro da Agricultura e Abastecimento e ex-presidente da ABAG. Visionário contumaz pelo sucesso do agronegócio brasileiro.



Carlo Lovatelli e Alysso Paolinelli entregam o prêmio ao ex-ministro Roberto Rodrigues

2008

7º Congresso Brasileiro de Agribusiness "Agronegócio e Sustentabilidade"

Fotos: Lau Polinesio



Ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, participa da cerimônia de abertura do 7º CBA

Traz à luz as múltiplas visões sobre o tema do agronegócio e da sustentabilidade. Como uma das principais fronteiras agrícolas do globo, o Brasil atrai para si os olhares de todo o mundo. Na condição de vitrine do planeta, o País precisa mostrar a sua capacidade de produzir e ofertar produtos de qualidade. Ter uma agenda mínima, com posição firme para transmitir credibilidade. As discussões do Código Florestal seguem em aberto, enquanto se faz imperioso o cadastramento legal e ambiental das propriedades rurais.

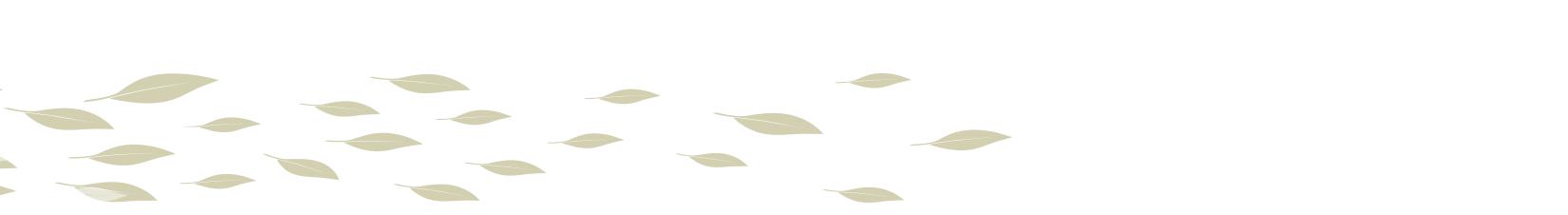
O agronegócio desperta para a sustentabilidade: equilíbrio entre as vertentes econômica, social e ambiental, o conhecido triple bottom line. Essa tendência ganha força geral e faz parte dos anseios da civilização moderna. Processos de verificação, certificação e monitoramento dos produtos agropecuários estão na ordem do dia. A estratégia é buscar alternativas para implantar um modelo de remuneração adequado para os serviços ambientais. Enquanto muitas informações inverídicas são disseminadas na mídia internacional, as florestas brasileiras aumentaram as suas participações globais.

Prêmio Personalidade do Agronegócio 2008 Shunji Nishimura (in memoriam)

Imigrante japonês, nasceu em 1910 na província de Kyoto. Veio para o Brasil aos 20 anos com diploma de técnico em mecânica. Shunji fundou a Jacto em 1948 na região de Pompeia (SP). Hoje a Jacto e a Escola Técnica de Agricultura (transformada em FATEC Shunji Nishimura) são dois orgulhos para a cidade. Representa a força empreendedora e o talento para o progresso da agricultura nacional.

Shunji Nishimura (centro) entre os filhos, Roberto Rodrigues e Carlo Lovatelli





2009

8º Congresso Brasileiro de Agribusiness "Agronegócio é sustentabilidade: crise e oportunidades"



Diretoria da ABAG



Presidente da ABAG, Carlo Lovatelli, na cerimônia de abertura do 8º CBA

O cenário de crise mundial tem influência direta na formulação e discussão dos painéis. Os debates estão associados à queda, enfraquecimento e ruptura periódica do equilíbrio entre a produção e o consumo, com desempregos, falências e depreciação dos valores circulantes. Quando escrita em chinês, a palavra crise se compõe de dois caracteres: um representa perigo; o outro, oportunidade. Esse anagrama ensina, mas traduz bem o calor das discussões. O impacto dessa conjuntura varia entre as cadeias produtivas do agronegócio nacional.

A crise financeira global coloca sobre a sociedade o desafio de estabelecer medidas para o crescimento, progresso e desenvolvimento. As mudanças climáticas impõem outro modelo de economia, em substituição à baseada no uso intensivo de carbono, com atribuição de valor à atmosfera, aos oceanos, os rios e as florestas. O Brasil, enquanto líder da agricultura tropical, precisa ter um claro posicionamento a defender, com argumentos irrefutáveis nas questões de máxima importância, como o pagamento de serviços ambientais.

Prêmio Personalidade do Agronegócio 2009 Eduardo Diniz Junqueira

Diretor do Sindicato Rural de Ribeirão Preto, presidente do Conselho de Administração da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto (ABAG/RP) e fundador e presidente da Destilaria Demol, atual Usina Moema, em Orindiúva/SP. É uma vida intensa dedicada à agricultura.



Diretora Mônica Bergamaschi e vice-presidente da ABAG, Caio Carvalho, entregam prêmio a Eduardo D. Junqueira

2010

9º Congresso Brasileiro do Agronegócio "Cenários 2011 – Comunicação e Governança"

Foto: Lau Polinesio



Cerimônia de abertura do 9º CBA

O evento passa a se chamar Congresso Brasileiro do Agronegócio. Em decorrência das eleições presidenciais, a ABAG se mobiliza para apresentar as propostas do agronegócio aos candidatos. Depois de consultar e colher informações e sugestões de quase 50 entidades do setor, um documento específico é elaborado, intitulado "Agronegócio – Desenvolvimento e Sustentabilidade – Plano de Ação 2011/2014/2020".

O trabalho apresenta os principais pontos para a construção de uma nova política pública para o agronegócio, com o estabelecimento de seis pilares: 1. Garantia de renda; 2. Infraestrutura e logística; 3. Comércio exterior; 4. Pesquisa, desenvolvimento e inovação; 5. Defesa sanitária e 6. Institucionalidade. A proposta é entregue junto com seis perguntas aos três principais candidatos à sucessão presidencial: Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva. Os presidentiáveis fizeram comentários, que foram exibidos em vídeos durante o evento.

O painel Comunicação debate sobre o Movimento do Agronegócio Brasileiro – Sou Agro, uma iniciativa conjunta do setor para informar a sociedade urbana sobre a importância do agronegócio no dia a dia de cada cidadão.

Personalidade do Agronegócio 2010 Flávio Telles de Menezes

Advogado e produtor rural, Flávio Telles nasceu em 1945, em São José do Rio Preto (SP). Ex-presidente e atual membro do Conselho da Sociedade Rural Brasileira. Trouxe uma visão jurídica para o amadurecimento da agricultura.



Criação do Prêmio Norman Borlaug

Com objetivo de incentivar a ciência, ensino e a pesquisa na área agropecuária, a ABAG lançou o Prêmio Norman Borlaug.

O engenheiro Norman Borlaug, que faleceu em 9 de setembro de 2009, foi o grande líder da revolução verde em meados do século passado. Em 1970, a Academia Sueca reconheceu o trabalho de Borlaug como agrônomo e humanitário e concedeu-lhe o Prêmio Nobel da Paz. Grande admirador da agricultura tropical, Borlaug esteve várias vezes no Brasil.



2011

10º Congresso Brasileiro do Agronegócio "Mudanças e Paradigmas"

Fotos: Lau Polinesio



Governador de SP, Geraldo Alckimin discursando na cerimônia de abertura do 10º CBA

Depois de décadas comandados pela oferta, os preços das commodities passam a ser guiados pela demanda, principalmente devido a melhoria da renda nos países emergentes. Com o crescimento excepcional de demanda da Ásia, as disponibilidades de terra e água ficam limitadas, enquanto as mudanças climáticas representam ameaças constantes. Caminha-se entre certezas pétreas e dúvidas relevantes. É o limiar de transformações pouco antes imagináveis. Esse trânsito lento é angustiante para as sociedades.

Porém, há um mundo de expectativas em novos produtos e serviços. No Brasil, há necessidade de aumentar dramaticamente os esforços em pesquisa, desenvolvimento e inovação para a agregação de valor de seus produtos e serviços. O agronegócio precisará de vigor para levar o País a outro patamar de importância. Os seus custos estão altos, principalmente na infraestrutura e logística. Há preconceitos no Código Florestal, com discriminação da agricultura. Conciliar argumentos emocionais e econômicos constitui desafios de gigantes. No horizonte presente e futuro, dois paradigmas são muito fortes: sustentabilidade e estabilidade.



Roberto Rodrigues e Carlo Lovatelli entregam prêmio a Luiz Garcia

Personalidade do Agronegócio 2011 Luiz Alberto Garcia

Engenheiro eletrônico, natural de Uberlândia/MG. Luiz Garcia foi presidente da ABAG e atualmente é presidente do Conselho de Administração da Algar, grupo empresarial que atua nos segmentos de Telecom/Ti, Agro, Serviços e Entretenimento. Garantia de profissionalismo e seriedade na gestão dos negócios.



Dr. Fernando C. Penteadó entrega o prêmio para Eliseu Alves

Prêmio Norman Borlaug Eliseu Roberto Alves de Andrade

Engenheiro agrônomo, dedicou-se à pesquisa pela Embrapa. Foi dele a iniciativa de reformar o setor de pesquisa no Ministério da Agricultura, ideia que resultou na criação da Embrapa, entidade que presidiu entre 1973 e 1985. Representa o sonho de tornar a pesquisa uma realidade nos campos de produção do País.

2012

Foto: Gerardo Lazari



11º Congresso Brasileiro do Agronegócio "Brasil: Alimentos e Energias – Seguranças Globais"

O Brasil é considerado o candidato natural e global para desempenhar o papel de grande protagonista na expansão da oferta, tanto de alimentos como de energia. Sabe-se da dificuldade para o setor se comunicar e se apresentar diante da sociedade. Há necessidade de clareza e estabilidade nos marcos regulatórios, até como forma de atrair players e estimular investimentos. As janelas de oportunidades estão abertas. O Brasil tem sido convidado formalmente por várias instituições internacionais, mas falta atitude para assumir esse papel de liderança.



Palestra do Presidente da LMC International, James Fry



Fica em aberto a pergunta de como o agronegócio está inserido na agenda do governo, em seus diferentes níveis, para a formulação de medidas fundamentais. Fazem parte da lista a logística e infraestrutura, as políticas tributárias e a legislação trabalhista. Temos de fortalecer as vendas externas, aumentar a competitividade das cadeias produtivas e estimular a iniciativa privada, sem intervenção nos negócios e nos mercados. Rico em recursos naturais, o Brasil carece de estratégia, como na formulação de um código agroambiental. O Código Florestal é parte de um todo. É preciso uma governança institucional entre as entidades do agronegócio para trabalhar essas questões e receber dos poderes Executivo e Legislativo a atenção que acredita merecer.



Secretária de Agricultura de SP, Mônica Bergamaschi, entrega o prêmio ao Prof. José Goldemberg

Prêmio Personalidade do Agronegócio Ney Bittencourt de Araújo – José Goldemberg

O Prêmio Personalidade do Agronegócio passa a se chamar “Ney Bittencourt de Araújo”. O Professor Goldemberg é doutor em Ciências Físicas pela Universidade de São Paulo. Foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, presidente da Companhia Energética de São Paulo (CESP), reitor da Universidade de São Paulo, secretário de Ciência e Tecnologia, secretário do Meio Ambiente da Presidência da República e do Estado de São Paulo e ministro da Educação. Significa a crença dos pioneiros na importância da energia renovável.



Presidente da ABAG, Caio Carvalho e Dr. Fernando P. Cardoso entregam o prêmio para Herbert Bartz

Prêmio Norman Borlaug – Herbert Bartz

Herbert Bartz, produtor rural em Rolândia (PR) e pioneiro, desde 1972, na adoção do sistema de Plantio Direto na Palha no Brasil e na América Latina. Graças à sua visão, persistência e obstinação, o Plantio Direto é hoje uma técnica de referência em produtividade e sustentabilidade das lavouras brasileiras. Significou as primeiras vozes em prol da sustentabilidade dos solos brasileiros



Fóruns ABAG

Desde 2004, a Associação promoveu 27 Fóruns e apoiou diversos outros eventos

1990

1991

1992

1993

1994

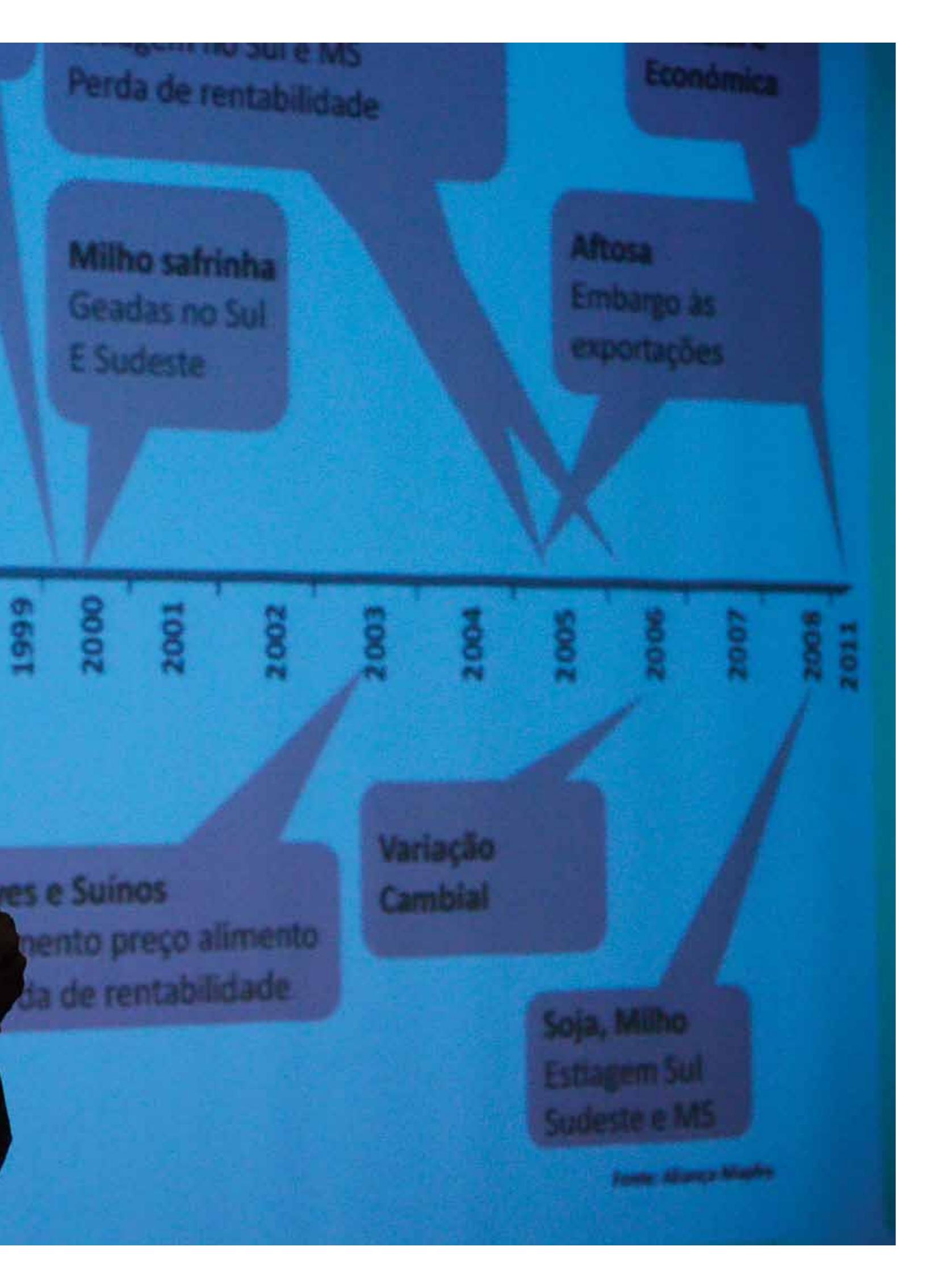
1998

Algodão
Reestruturação
setor têxtil

Arroz
Importação
Mercosul

Trigo
Desregular
do setor

Cacau
Bassoura
da bruxa



2004 I Fórum

Parcerias Público-Privadas (PPPs)



As PPPs representam uma fórmula para atenuar os problemas de logística e infraestrutura. Muitas empresas brasileiras deixam de exportar por causa desses problemas. Concebida na Inglaterra no começo dos anos 90 e adotada em diversos países, é uma legislação importante para atrair investimentos externos.

2005 II Fórum

O Impacto do Câmbio no Agronegócio

As commodities agrícolas possuem preços negociados nas bolsas internacionais. Em muitos setores os negócios estão concentrados em grandes grupos de empresas. O Brasil fica numa posição vulnerável de tomador e não de formador de preço. A conversão do valor de seus produtos para dólares penaliza o exportador com o real sobrevalorizado.



III Fórum

Infraestrutura e Logística do Agronegócio



O custo de logística no Brasil corresponde a 16% do PIB, enquanto a média internacional não passa de 10%. De 1997 a 2003, por deficiência em transporte e armazenagem, foram perdidos 13% da safra nacional. Trata-se de uma das prioridades vitais para a competitividade do agronegócio. O quadro fica dramático com o crescimento da produção e a exportação do agronegócio.

IV Fórum Sanidade Vegetal e Animal no Brasil



Proposta a criação de uma Agência Nacional de Registros, com o objetivo de tornar mais ágil o atendimento das demandas das empresas. A tecnologia evolui para satisfazer a exigência de inovação do campo. A área sanitária requer maior agilidade no repasse de verbas públicas e o comprometimento com as cadeias produtivas nas escalas do governo (estados e municípios) e a iniciativa privada (estados e produtores).

2006 V Fórum Propostas do Agronegócio para os candidatos à Presidência da República

Medidas para fortalecer o grau de competitividade das cadeias produtivas do agronegócio, com aumento no fornecimento de produtos para o exterior. O projeto está desdobrado em quinze pontos básicos. Com a ativação da demanda interna, é fundamental manter alinhados os agregados macroeconômicos das taxas de inflação, câmbio e juros.



VI Fórum Sustentabilidade



Ganha espaço crescente o compromisso ético de satisfazer as necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades. O conceito, desenvolvido pela Organização das Nações Unidas em 1988, ficou fortalecido com as Conferências Anuais das Mudanças Climáticas (COP). É um novo tema para a agenda do agronegócio.

VII Fórum Agroenergia

Foto: Célio Messias



Mudança e expansão na geografia da produção de cana-de-açúcar. O seu papel ganha relevância, seja na área de alimentos, como na de energia. O sucesso nas vendas de carro flex impulsiona o consumo de etanol, enquanto adversidades climáticas em países produtores abrem oportunidades para as exportações brasileiras de açúcar. O aproveitamento do bagaço para bioeletricidade amplia o leque de oportunidades de negócios do setor.

2007 VIII Fórum PAC do Agronegócio Brasileiro

Cobrança das propostas apresentadas aos presidentes, no 6º Congresso Brasileiro de Agribusiness. A ênfase converge para o Plano Agropecuário para a Safra 2007/08 e para os investimentos em logística e infraestrutura previstos até 2010 no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado pelo governo federal em 28 de janeiro de 2007. Um alerta para evitar o apagão logístico nos próximos anos.



IX Fórum Certificação do Agronegócio

Foto: Clóvis Ferreira



A inserção do agronegócio envolve o cumprimento de regras para atender acordos sobre barreira técnica, sanidade e propriedade intelectual. Esse processo passa pelo estreitamento de laços com o INMETRO e a ABNT, além do Triple Bottom Line da sustentabilidade (viabilidade econômica, equilíbrio ambiental e responsabilidade social). As barreiras não tarifárias ganham espaço no mercado internacional.

2008 X Fórum

Barreiras Técnicas do Comércio e Sustentabilidade

Foto: Lau Polinésio



As organizações das cadeias produtivas do agronegócio precisam se organizar em termos de gestão, com a aplicação da rastreabilidade. As agendas da agricultura, energia e prevenção do aquecimento global ficarão bem próximas. Os regulamentos técnicos, obrigatórios, emanados pelas autoridades públicas, não são mais suficientes. As normas, voluntárias passam a ser a grande arma nas negociações.

XI Fórum

Reforma Tributária e Impactos no Agronegócio

O Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) calcula que, desde a Constituição do Brasil de 1988, foram promulgadas 3.235,9 mil normas tributárias (34 por dia). Uma das formas para harmonizar a arrecadação é a desoneração da cadeia alimentar. Vinte e sete legislações estaduais, com diferentes interpretações, causam grande dificuldade para reaver os créditos de ICMS. Estamos atrasados na realização dessa indispensável tarefa.



XII Fórum

Agroenergia e Sustentabilidade



Mitigadores do aquecimento global e renováveis, os biocombustíveis representam uma enorme quebra de paradigma, na proposta de ser uma fonte energética alternativa, mais limpa e renovável em relação ao petróleo. O grande desafio na produção de açúcar e de etanol e na tecnologia consiste em fazê-lo de forma sustentável, de acordo com as exigências dos compradores. Nesse sentido, o fim das queimadas e o mapeamento da cana-de-açúcar com base no zoneamento ecológico e econômico são medidas na direção correta.

XIII Fórum Conjuntura Econômica e o Agronegócio



Foto: Lau Polinésio

Um dos principais setores da economia, o agronegócio brasileiro atinge posição de destaque mesmo em condições desiguais de competição. A possibilidade de crescimento ocorre tanto sob a forma de aumento de produtividade, quanto pela expansão das áreas cultivadas. Apesar da crise econômica internacional, o aumento da demanda por alimentos em países populosos e de rápido crescimento, como a China, garante boas perspectivas nos próximos anos. As projeções feitas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento indicam crescimento de vários setores do agronegócio nacional.

2009 XIV Fórum Desdobramento da Crise

Entre os anos de 2002 a 2007, o mundo viveu uma fase de grande euforia por conta do crescimento econômico expressivo. Isso gerou uma falsa ilusão de que era possível medir e evitar os riscos desse período virtuoso da economia mundial. O PIB mundial, que estava em 5% em 2007, caiu para 1,5%. O Brasil enfrenta a crise internacional, com a abertura de novos mercados e a valorização do mercado interno. Podemos nos diferenciar dos outros países. O agronegócio é destaque para o futuro, porém precisamos rever alguns conceitos.



Foto: Lau Polinésio

XV Fórum Logística



Foto: Lau Polinésio

De 2000 a 2008, a evolução das importações mais exportações brasileiras teve crescimento de 142%. A demanda de contêineres triplicou. O déficit na capacidade dos terminais de contêineres e da infraestrutura de acesso, além da falta de dragagem nos canais de acesso, gera dificuldades. O resultado é uma longa espera para a atracação dos navios, baixa produtividade de carga e descarga e utilização parcial da capacidade dos navios. A previsão é de uma capacidade adicional necessária de 5,4 milhões de metros quadrados para os portos mais críticos até 2012. O apagão logístico está perto.

XVI Fórum COP15

Foto: Paulo Soares



O desenvolvimento sustentável da agricultura, das florestas plantadas e de outros setores baseados na biomassa contribui de maneira especial para a mitigação das mudanças climáticas. A ABAG está comprometida em promover debates que contribuam para ações coordenáveis e sustentáveis entre a iniciativa pública e a privada, com políticas de mitigação de poluentes, sem prejudicar a competitividade e o crescimento da economia brasileira. A Conferência das Partes (COP-15), do Quadro das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas, em Copenhague, será o ponto de partida na busca de economias de baixo carbono.

XVII Fórum Copenhague

O agronegócio brasileiro poderá contribuir significativamente para a redução do aquecimento global. A adoção de tecnologias que levam ao aumento da produção, com redução na pressão da fronteira agrícola, aliada a práticas conservacionistas e de manejo sustentável como o sistema de plantio direto na palha e a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) darão legitimidade a essa alternativa. Um grande acordo global possibilitará o desenvolvimento sustentável das nações, lastreado na cooperação internacional para a implantação de uma economia global de baixo carbono.



Foto: Lau Polinésio

2010 XVIII Fórum Propostas Presidenciais

Fotos: Luiz Alonso



Tendo como base principal os 15 pontos tratados no documento elaborado em 2006, um novo trabalho será desenvolvido no horizonte de 2010, para a avaliação dos principais candidatos. Assegurar atributos para a agricultura de pequeno e grande porte é uma das prioridades. Tratar o Brasil estimulando a urbanização e a valorização do campo, como se ambas fossem importantes do ponto de vista econômico e cultural. Reforçar estímulos à agregação, através da industrialização rural, para gerar renda e melhores condições de vida no mundo rural.

XIX Fórum Eventos Extremos

O aquecimento global aumenta a temperatura dos oceanos, do ar e da terra e conduz a eventos climáticos extremos. A experiência com a passagem do furacão Katrina, em New Orleans, no estado americano de Louisiana, em agosto de 2005, começou como um desastre natural, mas evoluiu para uma catástrofe humana. As pessoas sucumbiram com várias doenças, com as falhas dos governos em proteger os seus cidadãos. Enquanto os problemas sociais são mais antigos, as questões relacionadas ao ambiente são discussões recentes. Para superar com êxito uma situação de desastre natural, os atores envolvidos precisam chegar a um consenso e agir com assertividade para chegar à chamada sustentabilidade.

Foto: Luiz Alonso



Harold Doley III, diretor e cofundador do Lugano Group Incorporated, de New Orleans (EUA)

2011 XX Fórum Competitividade do Transporte Ferroviário



A atual malha é inadequada aos desafios impostos ao Brasil, com menos de 1/3 da malha ferroviária sendo aproveitada e o restante abandonado pelas concessionárias. A legislação que disciplina o setor impede a livre concorrência e cria situações de monopólio. Os fretes devem se basear nos custos do setor e não na sistemática atual de descontos sobre os valores cobrados pelo modal rodoviário. É necessário modificar o atual marco regulatório de concessões ferroviárias de forma a separar a figura jurídica da concessionária de infraestrutura do operador de transporte ferroviário. A cada safra o quadro logístico fica mais difícil.

XXI Fórum Código Florestal: O que é bom para o Brasil?

Se a legislação existente for tomada ao pé da letra, 68,2% do território nacional não pode ser destinado para a agricultura. Ao longo do tempo, com a introdução de um extenso conjunto de requisitos como a reserva legal, área de preservação permanente, unidades de conservação e terras indígenas, a disponibilidade de área para atividade produtiva sofreu drástica restrição. Existem ainda as reivindicações dos quilombolas. Se computarmos cada item dessa extensa lista de exigências, certamente, o tamanho do território brasileiro não será suficiente.

Foto: Luiz Alonso



2012 XXII Fórum ABAG

Despertar para a Rio + 20

Foto: Luiz Alonso



O País possui uma série de “cases” na área agrícola que servem como bons exemplos em termos de mitigação do efeito estufa e com impacto positivo em todo o mundo. A conferência está gerando mobilização na sociedade brasileira, o que não aconteceu com a mesma intensidade na Rio92. O setor privado brasileiro, sobretudo o agribusiness, mostrou a possibilidade de haver equilíbrio entre o ambiental, o social e o econômico no processo produtivo. O governo deve se empenhar para estimular a participação de chefes de estado estrangeiros. Entre as propostas apresentadas, está a de introduzir na conferência o tema da segurança alimentar e energética com sustentabilidade.

Apoios

Fórum Globo Rural - Caminhos da Safra

Os gargalos da logística de transporte, que fazem o país perder US\$ 80 bilhões por ano, foram discutidos por especialistas da área no Fórum Caminhos da Safra, realizado pela revista *Globo Rural*, com o apoio da ABAG. Jornalistas da revista *Globo Rural* percorreram mais de 9 mil quilômetros de estradas em todas as regiões do país, durante seis meses, acompanhando o escoamento da safra brasileira dos principais polos produtores e apontando os gargalos que encarecem os custos de produção do agronegócio brasileiro e prejudicam a competitividade do país.



Perspectivas para o Agribusiness BM&FBOVESPA

Como parceira e apoiadora, pela nona vez consecutiva, a ABAG reconhece o prestígio crescente conquistado pelo Seminário Perspectivas para o Agribusiness, uma iniciativa da BM&FBOVESPA em parceria com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

O evento, que está em sua 12ª edição, apresenta os cenários que irão contribuir com o desenvolvimento e a expansão dos mercados agropecuários, além de mostrar as diretrizes para viabilizar a concretização do crescimento e do aprimoramento dos serviços nas cadeias de milho, aves, suínos, café, algodão, açúcar, etanol, pecuária de corte e soja. Desde seu lançamento, em 2002, o evento reuniu 7.300 participantes.



Fazenda Santa Brígida, em Ipameri (GO), utiliza o sistema ILPF desde 2006 e é modelo em produtividade

Eventos e Parcerias

Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF)

O aumento da população mundial, a expansão da urbanização global e o crescimento da renda de países populosos, como China e Índia, farão o consumo crescer. Esse cenário justifica a adoção de uma prática sustentável como a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), que reduz a emissão de Gases de Efeito Estufa (GEEs) e é contemplada pelo Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), um projeto do governo federal para financiar modelos de produção sustentável nas propriedades rurais.

Comprovar a eficiência do sistema ILPF é fundamental para maximizar a adesão à tecnologia

pelo Brasil afora, segundo o chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa, Luiz Carlos Balbino. “Temos que divulgar o trabalho que está sendo feito. Se o Brasil mostrar que a agricultura pode reduzir a emissão de CO₂, isso vai ser inédito no mundo”, afirma.

Com o objetivo de propalar a prática do ILPF entre os produtores rurais e criar projetos de desenvolvimento, em 2012, a ABAG realizou dois Fóruns sobre ILPF, em parceria com as cooperativas Cocamar Cooperativa Agroindustrial, de Maringá (PR), e Coopercitrus, de Bebedouro (SP).



XXIII Fórum ABAG e Cocamar



Luiz Carlos Corrêa Carvalho (ABAG) fala para cerca de 300 produtores rurais em Maringá

“A ILPF será a nova revolução na agricultura, produzir alimento de forma sustentável. O mundo está olhando o Brasil, atento a essa revolução tecnológica, com as cooperativas acelerando este processo”, disse o presidente da ABAG, Caio Carvalho, na ocasião. Prova disso é que no Arenito Caiuá, no noroeste do Paraná, em uma área de 3,2 milhões de hectares e com solo arenoso e suscetível à degradação, há um grande espaço para a intensificação da ILPF. São 2 milhões de hectares de pastagens, dos quais 80% em degradação. Nessa região, a Cocamar tem projetos em desenvolvimento envolvendo 41 produtores, em 12 unidades, abrangendo 20,541 mil hectares, sendo 3,555 hectares de área de lavouras de grãos.

XXIV Fórum ABAG e Coopercitrus



Francisco Matturro, vice-presidente da ABAG; Álvaro Toso, gerente do Banco do Brasil; Raul Huss de Almeida, presidente da Coopercitrus; e Patrícia Milan, diretora da ABAG/RP

O Fórum de ILPF em Bebedouro reuniu mais de 400 pessoas, entre produtores rurais associados à Coopercitrus, profissionais do setor, pesquisadores e autoridades do meio agrícola.

O gerente do setor de agronegócio do Banco do Brasil, Álvaro Toso, mostrou as vantagens do Financiamento ABC – Agricultura de Baixo Carbono, lançado na safra de 2010/11 com recursos do BNDES. “No início, o Programa ABC teve pouca procura pelos produtores rurais, devido ao desconhecimento da existência dessa linha de crédito. Esperamos que agora muitos produtores possam acessar esses recursos”, disse ele.

A iniciativa contou com o apoio da ABAG de Ribeirão Preto, Embrapa, Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e do Banco do Brasil.

XXV Fórum ABAG e ESALQ

Agronomia e a Produção de Alimentos e Energia

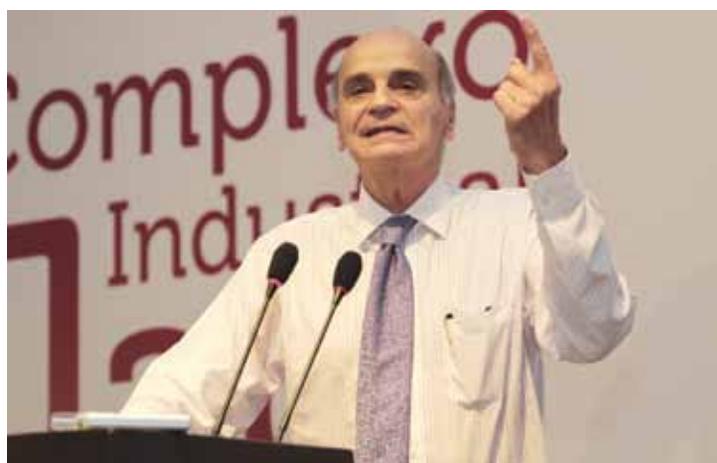
Fomentar as discussões sobre as habilidades desejadas pelo mercado para os profissionais das ciências agrárias. O agronegócio demanda profissionais tomadores de decisões. É necessário que as instituições de ensino superior meçam com clareza o nível de adequação dos seus egressos com relação às exigências de mercado. Apesar de todo desenvolvimento tecnológico instalado, precisamos cada vez mais de boa gestão, de tecnologia e de recursos humanos qualificados. Não basta ter boa formação. É necessário estarmos adequados às demandas.



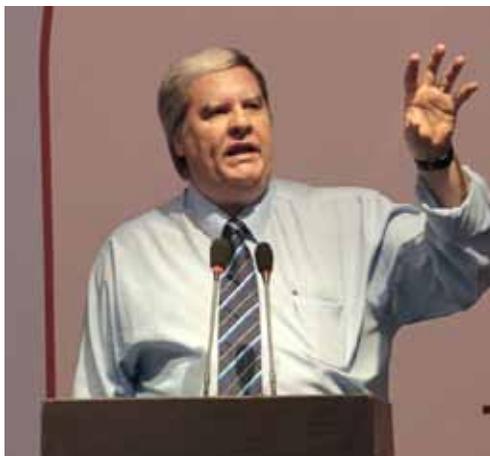
Pedro Katayama, vice-presidente do CREA; José Vicente Caixeta Filho, diretor da Esalq; Mônica Bergamaschi, Secretária da Agricultura de São Paulo; Caio Carvalho, presidente da ABAG e Angelo Petto, presidente da AEASP

XXVI Fórum ABAG e Cooxupé

Desenvolvimento da Cafeicultura Nacional – Café e Saúde



O evento reuniu mais de 1.500 produtores para acompanhar as palestras dos médicos Miguel Moretti (ao lado) e Dráuzio Varella (acima)



O cardiologista Miguel Moretti apresentou um estudo do Incor – Instituto do Coração de São Paulo, que comprovou a redução na mortalidade por qualquer motivo de 10% a 20%, principalmente em mulheres que consomem café regularmente. Outro estudo mostrou que, no caso dos homens, o café reduz a chance de morte por qualquer causa em 10% e do coração em 12%.

O médico Dráuzio Varella falou que, no passado, pensava-se que o café fazia mal para a saúde, causando problemas de estômago e aumento da pressão. Mas isso é um mito, não se conseguiu provar nenhum malefício dessa bebida, muito pelo contrário, existem muitos benefícios, inclusive o surpreendente resultado do estudo sobre a redução da mortalidade. O estudo foi financiado pelo Instituto Nacional de Saúde nos Estados Unidos e publicado na revista científica *The New England Journal of Medicine* (NEJM), a publicação mais prestigiada na área médica e distribuída no mundo todo. “Além dos benefícios para a saúde, tomar café é um prazer, não só pelo gosto, mas um prazer intelectual, nos deixa em alerta”, acrescentou Varella.

XXVII Fórum ABAG e ABIOVE

Safra Recorde de Grãos: Os desafios da logística em 2013

Fotos: Luiz Alonso



Os gargalos da infraestrutura e logística brasileira na área de transportes ficarão mais acentuados na próxima safra de grãos 2012/13, que será a maior já colhida pelo Brasil. Haverá uma demanda adicional de cerca de 20 mil caminhões para o escoamento da produção. Além da escassez de 50 mil motoristas, em 2012, o licenciamento de caminhões novos foi reduzido em 30% ante 2011. A fiscalização da polêmica Lei 12.619/2012, que disciplina o trabalho dos motoristas profissionais, exige mudanças profundas e faltam condições para realizá-las. As entidades do setor produziram em conjunto um documento encaminhado à Casa Civil, com as recomendações para lidar com as dificuldades previstas para este ano (carta encaminhada à Casa Civil pode ser lida no item Documentos, neste caderno).

ABAG, ANDEF e FAO

Fórum Inovação, Agricultura e Alimento para o Futuro Sustentável

Na busca de soluções para erradicar a fome no Brasil e no mundo, a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), a ABAG e a ANDEF (Associação Nacional de Defesa Vegetal) promovem em parceria desde 2010 o Fórum Inovação Agricultura e Alimentos Para o Futuro Sustentável. A proposta é discutir o papel da ciência e da tecnologia para o aumento das safras, melhoria da qualidade e redução dos preços dos alimentos, além da garantia de uma produção sustentável.

O evento é realizado tradicionalmente durante as comemorações da Semana da Alimentação, no mês de outubro, celebrada há 27 anos em mais de 180 países do mundo e que comemora a criação, em 1945, da FAO.

Dados da FAO indicam que o número de pessoas subnutridas no mundo teve, em 2009, a primeira queda em 15 anos, reduzindo de 1,023 bilhão para 925 milhões de seres famintos. Embora tenha havido uma redução de 98 milhões de pessoas, ou 9,6%, no total de subnutridos, o número continua alto, acima do objetivo estabelecido pelas metas do milênio, que seria reduzir pela metade o número de vítimas da fome no mundo até 2015.



Helder Muteia (FAO) e João Sereno Lammel (ANDEF)

AGRISHOW

20 anos

A partir da sua primeira edição, há 20 anos, pode-se dizer que houve uma mudança no perfil das feiras dirigidas ao setor produtivo do campo. Umhas que já existiam passaram a copiar o modelo, como também surgiram eventos semelhantes, porém de menor porte, em outros Estados, nos novos polos regionais de produção de grãos.

A Agrishow é considerada o termômetro do agronegócio brasileiro. É realizada exatamente no melhor período do ano, ou seja, quando os agricultores acabaram de colher uma safra e começam a se preparar para o cultivo da próxima. É o momento de planejamento e de tomada de decisões: aquisição de insumos, máquinas, implementos agrícolas e outros serviços.

Coincide, também, com o período no qual o governo traça as linhas da política agrícola e lança o Plano de Safra, com a definição das normas que alavancarão a produção agropecuária.

A cada ano a Agrishow conquista sucessivos recordes. Na edição de 2012, a feira recebeu cerca de 152 mil visitantes e 730 empresas expositoras. O volume de pedidos de financiamento para a compra de máquinas e equipamentos, veículos e insumos, atingiu R\$ 1,15 bilhão.



Oscar Baldan, Ney Bittencourt de Araújo, Roberto Rodrigues e Ricardo Conceição

Em 1994 foi realizada a primeira edição da Agrishow - Feira de Tecnologia em Ação, cuja Comissão Organizadora estava sob a presidência da ABAG. A feira aconteceu de 4 a 7 de maio daquele ano, na Estação Experimental do Instituto Agrônomo, em Ribeirão Preto. Uma promoção conjunta da ABAG, ABIMAQ/SINDIMAQ, ABRASEM, ANDA, ANDEF, NEW HOLLAND, SAA/IAC/CATI, SINDAN, SRB e VALMET DO BRASIL.



Parcerias

Revista Agroanalysis

A ABAG tem uma antiga parceria com a Fundação Getúlio Vargas, principalmente com a Agroanalysis, revista especializada em agronegócio, que contribui com informações sobre as cadeias produtivas de alimentos, fibras e biomassa. Durante muito tempo, a Agroanalysis publicou o índice FGV/ABAG, que media o impacto dos produtos do agronegócio na inflação, além de assuntos gerais sobre a entidade (artigos, comentários, etc.).

SIMPAS – Sistema Integrado de Manejo da Produção Agrícola Sustentável

O SIMPAS é um ciclo de palestras e debates dirigido a profissionais de ciências agrárias, estudantes, produtores, professores, entre outros. O propósito desse evento, que está em sua 63ª edição, é promover a atualização dos conhecimentos técnicos nas áreas de insumos agrícolas (sementes, defensivos e fertilizantes), máquinas e equipamentos, dentro

de uma visão sistêmica e integrada da produção sustentável. Equipe organizadora: ABAG, ABRASEM (Associação Brasileira dos Produtores de Sementes), ANDA (Associação Nacional para Difusão de Adubos), ANDEF (Associação Nacional de Defesa Vegetal) e IPNI (International Plant Nutrition Institute).

Safras & Mercados

Com o objetivo de facilitar o acesso de interessados em participar virtualmente do Congresso Brasileiro do Agronegócio (CBA), a ABAG firmou parceria com a empresa Safras & Mercados, que integra o Grupo CMA, consultoria especializada em agronegócio. Essa aliança possibilita, desde 2010, que os debates do Congresso

sejam transmitidos em tempo real pela internet. Empresários, produtores rurais e profissionais ligados ao campo, que não podem se deslocar até São Paulo, têm a oportunidade de acompanhar à distância as palestras e debates do evento. Em 2012, cerca de 7 mil pessoas acompanharam o evento pela internet.

Workshop para Jornalistas

Desde 2010, a ABAG, em parceria com a ANDEF (Associação Nacional de Defesa Vegetal) e a BM&FBOVESPA, realiza, no dia seguinte ao Congresso Brasileiro do Agronegócio, um workshop para jornalistas de vários estados do País para apresentar temas relacionados à atuação do agronegócio.

Organizado pelo jornalista Enio Campoi, da Mecânica de Comunicação, em 2012 o evento

contou com a participação de 22 jornalistas de jornais e revistas do Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. Três novos parceiros ingressaram no projeto em 2012: CIB (Conselho de Informação sobre Biotecnologia), INPEV (Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias) e SINDAG (Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola).

Economia verde

Há necessidade de desenvolver mais mecanismos de regulamentação, diante da velocidade do processo de inovação no mundo. A aprovação da lei de Biossegurança e o Código Florestal foram muito morosos. Os investimentos são mais atrativos quando há segurança jurídica. Conviveremos com o Plano Nacional de Resíduo Sólido, a Lei dos Caminhoneiros, Lei de Acesso ao Patrimônio Genético e muitas outras, que devem ser interpretadas como uma renovação fundamentada na própria história do agronegócio.

Nas negociações multilaterais, atuamos na Organização Mundial do Comércio, mais especificamente no Comitê do Acordo Sanitário e Fitossanitário (SPS), nas atividades das chamadas três irmãs: Codex Alimentarius, a Organização Mundial Para a Saúde Animal (OIE/OMS) e a Convenção Internacional Para a Proteção de Plantas (CIPV/FAO). Essas entidades representam a vanguarda da ciência em regulamentação de segurança e qualidade dos alimentos, em cima de harmonização regulatória, adequação às exigências internacionais e tendências dos requisitos futuros. Participamos das Conferências das Partes das Mudanças Climáticas e da Biodiversidade. Tudo isso

envolve uma agenda extensa. Estamos longe de ser uma ilha isolada na geografia.

Apesar de termos uma estratégia muito baseada na sustentabilidade, de preservar com objetivos que enxergam o futuro, precisamos ser proativos. As marcas e produtos do agronegócio brasileiro devem estar em conexão com a inovação. Não poupamos esforços na proatividade nos casos de crise, como nas questões sanitárias, com respostas rápidas e articuladas. Desenvolvermos a rastreabilidade, certificação e identificação de origem. Toda essa noção, cujo estabelecimento interno leva tempo, terá de ser transmitida externamente: os públicos devem saber como mitigamos os riscos.

A chamada economia verde, um conceito em construção, de fazer mais com menos, pode não ser a solução, mas é um caminho para a sustentabilidade. O agronegócio está presente nos seus três principais objetivos: 1º) Transição das fontes primárias de energia fósseis para as renováveis, diante do pico do petróleo e as mudanças climáticas; 2º) Eficiência ecológica no uso de energia e materiais; 3º) Emprego de recursos da biodiversidade.

Código Florestal

Na área ambiental, a ABAG foi porta-voz da possibilidade de convivência da produção com o uso sustentável dos recursos naturais, apontando caminhos para que isso se concretizasse.

Teve atuação decisiva na edição do novo Código Florestal, primeiro mostrando aos parlamentares a necessidade da reforma da antiga lei e, posteriormente, dispondo à Frente Parlamentar Agropecuária os serviços de técnicos altamente capacitados que auxiliaram desde o surgimento das primeiras propostas até a redação final do texto da Lei 12.651/12, grande e difícil conquista do setor.



Rio + 20



A Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável - Rio+20, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 2012, atingiu o objetivo de ser a maior conferência de sustentabilidade já realizada pela Organização das Nações Unidas, com 193 governos representados e um público de 45 mil visitantes no Rio-centro, ante 17 mil à época da Rio 92. No entanto, o evento frustrou os que esperavam medidas concretas para mudar os padrões de produção e consumo da humanidade, ao estabelecer apenas uma agenda de boas intenções, e não um plano de metas objetivas para os países signatários do documento O Futuro que Nós Queremos, que selou o encontro.

A agropecuária brasileira, protagonista mundial de produção e preservação, esteve presente na Rio+20 e apresentou seu posicionamento às autoridades e negociadores da Conferência. Por meio de entidades representativas do agronegócio brasileiro, entre elas a ABAG, foram apresentadas as práticas modernas e sustentáveis da agropecuária nacional. A ABAG esteve envolvida em três parcerias estratégicas: SustainAGRO, Agro Brasil e Seminário Fiesp.

O SustainAGRO, formado por mais de 30 organizações, foi concebido para reforçar a posição do agro-

negócio como protagonista nos debates sobre desenvolvimento sustentável. Foram apresentadas práticas agrícolas consideradas cases de sucesso, pois reúnem características de aumento de produtividade e proteção ao meio ambiente. Todo o material está em www.sustainagro.org, site trilíngue que apresenta vídeos, artigos, entrevistas com os principais interlocutores das iniciativas sustentáveis.

Outra participação foi no Espaço Agro Brasil, coordenado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Embrapa e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), com apoio de várias entidades do setor. Instalado no Pier Mauá, apresentou os avanços da agropecuária brasileira e os caminhos que o País escolheu para multiplicar a produção de alimentos na mesma área. Entre os cases apresentados, estavam: Projeto Biomas, Sistema de Integração Lavoura - Pecuária - Floresta (Programa ABC – Agricultura de Baixo Carbono) e Agricultura de Precisão (Plantio Direto na Palha).

A terceira ação, coordenada pela Fiesp, Firjan, Prefeitura do Rio de Janeiro e Fundação Roberto Marinho, foi o Seminário “Segurança Alimentar e Sustentabilidade no Agronegócio”, um grande evento dedicado ao agronegócio, no Forte de Copacabana.

Comitês

Comitê Estratégico do MAPA

No dia 23 de julho de 2012, o Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Mendes Ribeiro Filho, lançou o Comitê Estratégico do Agronegócio, para discutir, entre outros temas, o Plano de Ações Estratégicas do Ministério de 2012 a 2014.

Entre os 20 representantes do comitê, estavam ex-ministros, dirigentes de entidades e deputados. A criação do comitê tinha por objetivo definir prioridades a serem estabelecidas na formulação das políticas agrícolas, contribuir para a fixação de diretrizes, indicadores e metas de desempenho do agronegócio e suas respectivas cadeias produtivas, e ainda avaliar e acompanhar as ações governamentais aplicadas ao desenvolvimento e sustentabilidade do agronegócio nacional. Em 2012, foram realizadas duas reuniões do grupo.

Representantes do Comitê Estratégico do Agronegócio:

Ex-ministros – Antônio Delfim Netto, Alysson Paolinelli, Marcus Vinicius Pratini de Moraes e Roberto Rodrigues; deputados – Assis do Couto, Edinho Araújo e Homero Pereira; senadores – Waldemir Moka e



Presidente da ABAG, Caio Carvalho, recebe placa do ministro Mendes Ribeiro

Kátia Abreu (CNA); representantes de entidades – Cesário Ramalho da Silva (SRB), Francisco Sérgio Turra (Ubabef), Márcio Lopes de Freitas (OCB) e Luiz Carlos Corrêa Carvalho (ABAG); presidente do BNDES, Luciano Coutinho, e o presidente da Câmara de Políticas de Gestão do Conselho de Governo da Presidência da República, Jorge Gerdau Johanpetter.

Comissão Mista de Cooperação Econômica Brasil-Alemanha

Grupo de Trabalho de Agronegócio e Inovação, criado em 2004, é formado por órgãos dos governos e representantes do setor privado. Os atuais coordenadores pelo lado brasileiro são: Célio Porto, MAPA/Secretário de Relações Internacionais do Agronegócio, representando o Governo, e pela iniciativa privada, o presidente da ABAG, Luiz Carlos Corrêa Carvalho. Do lado alemão, o Dr. Dietrich Guth, BMELV, pelo Governo, e Jordi Tormo, BASF, representando o setor privado. A última reunião ocorreu em 1º de julho de 2012, em Frankfurt, Alemanha, quando foram discutidos os seguintes temas:

Rio Mais 20 Economia Verde; situação atual da indústria brasileira de açúcar e etanol; mercado de produtos de OGM e não OGM no comércio bilateral; avanços no memorando de entendimento entre a Embrapa e a BMBF e BMELV; registro no Brasil de novos ingredientes ativos para proteção de cultivos; atualização Biotech Hub Iniciativa; Inovação em Plantbiotech; cooperação bilateral.

O GT de Agronegócio decidiu por unanimidade solicitar à Comissão Conjunta a prorrogação do mandato por dois anos.

Comitê de Financiamento

Seminário Instrumentos de Crédito e Seguro para o Agronegócio

Em abril de 2012, a ABAG, em conjunto com as Câmaras de Crédito e de Seguro Rural do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realizou o seminário “Instrumentos de Crédito e Seguro para o Agronegócio”, resultado do Comitê de Financiamento organizado pela Associação. O evento reuniu importantes players das áreas de crédito e de seguro, insumos, produção e comercialização para debater formas de aprimorar o arsenal de instrumentos de política agrícola diante do contexto atual das cadeias produtivas.

De acordo com Alexandre Figliolino, diretor do Banco Itaú BBA, um dos palestrantes do seminário e coordenador do Comitê de Financiamento do Agronegócio da ABAG, toda a arquitetura de crédito rural ainda vigente no País, regulada pelo Sistema Nacional de Crédito Rural, data da década de 1960, estando, portanto, bastante defasada em relação à realidade atual do setor. “Temos hoje uma série de modelos de produção e cada um deles exige um tipo específico de financiamento e de proteção. A chamada agricultura empresarial, que inclui a área de grãos e a cana-de-açúcar, por exemplo, demanda uma modalidade de crédito e de seguro bem diferente da exigida pela agricultura familiar”, diz ele.



Luiz Antonio Pinazza (ABAG), Alexandre Figliolino (Itaú BBA) e Wilson Vaz de Araujo (MAPA/SPA/Deagri)



Antonio Carlos Ortiz, Banco Rabobank

Comitês criados em 2013

Determinada a atuar nas questões ditas transversais do agronegócio, a ABAG uniu-se com lideranças empresariais para operar de forma proativa e dinâmica junto aos órgãos públicos e privados.



Comitê de Sustentabilidade
Eduardo Bastos – líder de Relações Institucionais da Dow Brasil



Comitê de Desmatamento
Marcello Brito – diretor comercial da Agropalma



Comitê de Terras para Estrangeiros
Ricardo Mussa – presidente da Radar



Comitê de Bioeconomia
Weber Porto – presidente da Evonik Degussa Brasil



Comitê de Bioenergia
Jacyr Costa – presidente da Guarani



Comitê de Insumos
Eduardo Daher – diretor executivo da ANDEF

Comunicação

Cada vez mais, uma proporção significativa de matérias veiculadas na mídia sobre o agronegócio ganha repercussão junto à opinião pública.

Para a ABAG, esse cenário exige um trabalho acurado na área da comunicação, com plano de ações de curto e médio prazo. O primeiro projeto é olhar para as demandas globais de alimentos e energia. O segundo é fortalecer a imagem do agronegócio brasileiro. Revitalizar os elos das cadeias produtivas, dar foco nas mensagens e o propósito de narrar as exuberâncias tropicais do setor, no conjunto, dão colorido especial a esse contexto.



Brasil: Agronegócio de conteúdo global

A qualidade da mensagem é importante para ABAG desempenhar seu papel na formação dos consensos entre as cadeias produtivas e nos acordos nacionais e internacionais. Não é apenas a função institucional e de relacionamento, mas a de edificação do desenvolvimento. Essa tarefa desafiadora conta com três alicerces: transmitir informações inovadoras, atender às expectativas dos agentes e ajudar na sensibilização da opinião pública.

Ser uma potência no agronegócio significa produções exuberantes, produtos com preços mais acessíveis para a população e saldo comercial positivo para o País. Em sua comunicação, a ABAG busca narrativa de conteúdo para a opinião pública se identificar com a cadeia produtiva a partir das atividades do campo. Não se pode mais afirmar que estamos numa era de conversa entre os mesmos.

Meios de comunicação Informativo

O Informativo ABAG foi criado em 1993, com o nome de Abag Informa. O objetivo da publicação é de comunicar aos associados e a outros públicos as ações da Associação, além de divulgar notícias de interesse de todas as cadeias produtivas, análises e dados de mercado. A publicação está em sua 84ª edição e é distribuída bimestralmente, nas versões impressa e digital.



Capa da primeira edição do Informativo, lançado em junho de 1993



Segunda versão do Informativo ABAG



Em novembro de 2009 houve a reformulação do layout da publicação



Portal

O portal da ABAG foi reformulado em outubro de 2010 e desde essa data recebeu mais de 38 mil visitantes. De março de 2012 a março de 2013, cerca de 18 mil pessoas acessaram o site da Associação (www.abag.com.br).

Mídias Sociais

As empresas e organizações vêm percebendo cada vez mais que é preciso se comunicar de um jeito novo, e as mídias sociais podem ser o principal instrumento para que esse objetivo seja alcançado. A ABAG está presente no Twitter e Facebook desde 2011 com resultados positivos nas notícias postas e no relacionamento com os usuários.



Facebook

A Fan Page da ABAG no Facebook www.facebook.com/ABAGBRASIL conta com mais de 7 mil fãs.



Twitter

A página @Abag_Brasil conta com mais de 2.800 seguidores.



Sorteios e promoções durante o 11º CBA

A mobilização por meio das redes sociais teve grande destaque durante a realização do 11º Congresso Brasileiro do Agronegócio (CBA). Além da publicação de 255 notícias e 166 imagens e outras postagens no período de dois meses, a ABAG promoveu vários sorteios no Facebook.

O principal prêmio foi de uma inscrição para participar do Congresso, em São Paulo, com todas as despesas pagas. A ganhadora foi a estudante Marcella Macedo, do curso de Ciência e Tecnologia de Laticínios da Universidade Federal de Viçosa (MG).

Encontro com Imprensa

Tradicionalmente, durante o Congresso Brasileiro do Agronegócio é realizado o encontro da diretoria da ABAG com os jornalistas. Em 2012, 74 profissionais de TVs, rádios, jornais, revistas e sites de notícias, de várias regiões do País, compareceram ao evento.





Pesquisa ABAG/ESPM

Para 81% da população urbana, agronegócio é **muito importante**

A consolidação do Brasil como um dos líderes mundiais na produção de alimentos começa a ser reconhecida também pela população urbana: nada menos que 81,3% dos moradores das grandes capitais brasileiras consideram o agronegócio como sendo “muito importante” para a economia nacional. Este foi um dos principais resultados de uma pesquisa inédita encomendada pela ABAG, em parceria com o Núcleo de Estudos do Agronegócio da ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing, e realizada nos primeiros meses de 2013, nas 12 maiores capitais do País.

O objetivo da ABAG com a pesquisa foi aprimorar o nível de conhecimento e de valorização da atividade agropecuária nos grandes centros. “Os resultados servirão para nortear nossas ações no sentido de desenvolver uma comunicação menos subjetiva. Isso ajuda a entender os pontos fracos para melhorarmos o relacionamento com a sociedade urbana de forma geral”, explica o presidente da ABAG, Luiz Carlos Corrêa Carvalho.

Para a realização da pesquisa, denominada “A Percepção da População dos Grandes Centros Urbanos sobre o Agronegócio Brasileiro”, foram entrevistadas 600 pessoas de todas as classes sociais e níveis de escolaridade. Elaborado pelo Instituto de Pesquisa IPESO, o levantamento foi feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador,

Recife, Fortaleza, Brasília, Manaus, Belém, Goiânia, Curitiba e Porto Alegre.

Em regiões, como o Centro-Oeste, onde a atividade do agronegócio é mais intensa, o percentual de pessoas que classificam como “muito importante” a atividade ligada à agricultura é ainda mais expressivo. Na região Sul, o percentual de pessoas que consideram o agronegócio “muito importante” chegou a 90,1%, caindo para 81,8% no Norte; recuando para 75% no Nordeste, com o Sudeste em último lugar, com 73,3% de pessoas que consideram o agronegócio “muito importante” economicamente. “O Centro-Oeste representa hoje a região brasileira que mais consciência tem sobre o agronegócio, enquanto o Sudeste é o menos informado. A conclusão é que o agronegócio exibe contrastes: é respeitado e valorizado pela população urbana, mas distante e desconhecido”, observa o Professor José Luiz Tejon, coordenador do Núcleo de Estudos do Agronegócio da ESPM.

Os pesquisadores do IPESO também indagaram quais as profissões que, na avaliação da população das 12 capitais analisadas, estão relacionadas com agronegócio. E a de engenheiro agrônomo, com 75,5%, foi a mais lembrada. Seguida por: engenheiro ambiental (51,5%), peão (45,5%), médico veterinário (37,5%), administrador (27,4%), nutricionista (25,2%), químico (22,6%) e economista (21,9%).

Publicações

1993



Segurança Alimentar – uma abordagem de agribusiness

1993



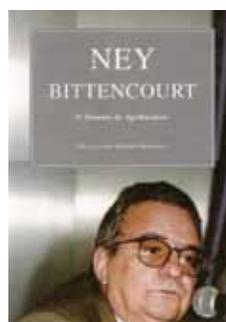
A metamorfose do Estado

1993



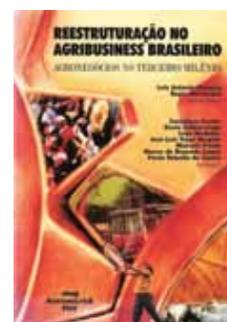
Agricultura na virada do Século XX

1996



Ney Bittencourt, o Dínamo do Agribusiness

1999



Reestruturação do Agribusiness Brasileiro – Agronegócios no Terceiro Milênio

2000



Recursos Humanos para o Agronegócio Brasileiro

2001



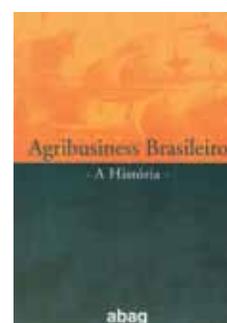
Complexo Agroindustrial Brasileiro: Caracterização e Dimensionamento

2001



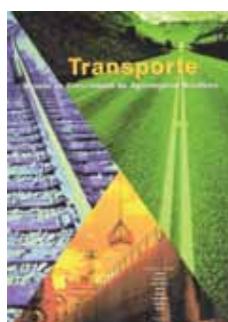
Agenda para a competitividade do agribusiness brasileiro

2002



Agribusiness Brasileiro: A História

2004



Transporte – Desafio ao Crescimento do Agronegócio Brasileiro

2005



Recursos Humanos e Agronegócio – a evolução do perfil profissional

2007



Sistema de Qualidade nas Cadeias Agroindustriais

2011



Estudo sobre o Impacto na Agricultura e Economia do País com a Restrição de Ingredientes Ativos para Controle de Pragas, Doenças e Ervas Daninhas (realizado pela Kleffmann Group). Atualizado em março de 2013

Documentos

1994 – Presidenciais

Documento para o presidente Fernando Henrique Cardoso

Em outubro de 1994, é entregue o documento “Sugestões da ABAG para o presidente eleito Dr. Fernando Henrique Cardoso”. De início, o material afirma que o agribusiness brasileiro está preparado para sustentar, na nova era de estabilidade da economia brasileira, a demanda ampliada de produtos na retomada do desenvolvimento. Da mesma forma, contribuir para desconcentração espacial da produção nacional e garantir a segurança alimentar, com erradicação da fome e da miséria, entre outros itens.

As dez principais sugestões sinalizadas pelo documento:

1. Reorganização do estado brasileiro.
2. Promulgação das leis das cultivares.
3. Apoio à pesquisa.
4. Reforma fiscal e tributária.
5. Redefinição dos esquemas de financiamento.
6. Aperfeiçoamento dos esquemas de produção e comercialização, com apoio de infraestrutura adequada.
7. Mudanças no comércio exterior.
8. Incentivos às agroindústrias.
9. Criação de infraestrutura de educação e saúde nas pequenas e médias cidades.
10. Redução de incentivos à ocupação improdutiva do solo e elaboração de programas emergenciais.

2002 – Presidenciais

Carta do Agribusiness Brasileiro na Perspectiva 2010

O 1º Congresso Brasileiro de Agribusiness, realizado em São Paulo, nos dias 12 e 13 de junho de 2002, apresentou à sociedade brasileira os seguintes temas:

1. Um conjunto de metas de produção, consumo e comércio exterior das principais cadeias produtivas do agronegócio no horizonte 2010, destacando-se o aumento de 3,9% ao ano da produção agropecuária.
2. As recomendações de políticas e medidas dos setores público e privado para a viabilização das metas estabelecidas e o fortalecimento da competitividade do agronegócio brasileiro.
3. A importância da maior coordenação dos interesses e da imagem do agribusiness e do País; a definição de estruturas e planos de ação nos níveis federal, estadual e municipal; o estabelecimento de compromissos entre os setores público e privado, e dentro do setor privado.
4. A necessidade de formulação de políticas públicas isonômicas em relação aos concorrentes e a firme determinação brasileira nas negociações internacionais.
5. A modernização e a definição de instrumentos legais que removam as restrições à

competitividade e proporcionem a expansão das atividades produtivas.

O alcance das metas propostas permitirá os seguintes benefícios ao País: pleno abastecimento e melhoria da alimentação dos brasileiros; aumento da renda no campo com efeitos multiplicadores sobre as atividades urbanas; geração de um saldo de US\$ 29 bilhões na balança comercial do agribusiness em 2010; crescimento maior da renda per capita no campo, reduzindo a desigualdade em relação à renda per capita urbana.

Após a análise da situação atual e das perspectivas traçadas, os participantes do 1º Congresso Brasileiro de Agribusiness recomendaram que:

- a) A elaboração de metas e propostas de políticas apresentadas para o agronegócio seja um processo permanente, com a efetiva participação e avaliação dos setores interessados.
- b) O Plano Estratégico do Agribusiness 2002-2010 seja formalmente encaminhado às autoridades governamentais, aos candidatos nas eleições de 2002 e às lideranças dos demais setores empresariais, dos trabalhadores e da sociedade civil.

2003 – Transgênicos

A ABAG e outras entidades do agronegócio entregaram um Documento ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ministros, senadores, deputados e governadores de Estados, envolvidos com o tema, no dia 24 de março. O documento foi chamado de “Posicionamento Sobre Organismos Modificados Geneticamente – Coalizão de Associações Ligadas ao Agronegócio”.

O resultado dessa manifestação culminou com a aprovação da Lei de Biossegurança em 2004.

2006 – Presidenciais

Carta enviada aos candidatos

à Presidência da República:

Luiz Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin,
Heloisa Helena e Cristovam Buarque.

A ABAG – Associação Brasileira de Agribusiness foi estabelecida há 13 anos, com o propósito de conscientizar os segmentos decisórios do País para a importância da harmonização das cadeias produtivas do agronegócio, e sua relevância para o desenvolvimento econômico e social do País.

Congregamos organizações e entidades representativas de todos os segmentos do agronegócio, desde os insumos para a agricultura e a produção animal até a chegada do produto ao consumidor, passando por pesquisa, produção rural, agroindústria, transporte, armazenamento, serviços de todas as naturezas, distribuição, comercialização e exportação.

Dentre as várias iniciativas para cumprir nossa missão, destacamos a realização anual do Congresso Brasileiro de Agribusiness. Este ano, em sua 5ª edição, o Congresso terá o tema: “Bases para o Futuro”, com o objetivo de debater e apresentar ao poder executivo propostas para a sustentabilidade e o desenvolvimento do agronegócio brasileiro.

O evento, a ser realizado nos próximos dias 1 e 2 de agosto, no Hotel Gran Meliá WTC São Paulo, deverá contar com aproximadamente 700 participantes, público este formado por representantes das principais entidades e empresas

ligadas aos segmentos econômicos e produtivos do agribusiness nacional e por autoridades dos poderes constituídos.

No dia 2, às 15h30, teremos o Painel “Propostas dos candidatos à Presidência da República para o Agronegócio Brasileiro”. Queremos apresentar neste painel uma gravação em vídeo de aproximadamente 20 minutos, com o posicionamento de V. Exa. sobre os temas apresentados em nossa proposta. Para tanto, encaminhamos o documento elaborado junto com outras entidades representativas do agronegócio brasileiro, contendo as principais reivindicações do setor, bem como o programa do Congresso.

Certos de poder contar com a participação de V. Exa., pedimos nos informar data, horário e local de sua preferência, a partir de 3 de julho, para as necessárias providências de nossa parte para realização da gravação do vídeo.

Nesta expectativa, agradecemos a atenção que lhe merecermos e renovamos os protestos da nossa mais alta consideração e estima.

Atenciosamente,
Carlo Lovatelli
Presidente

Documentos

2009 – Aliança Brasileira pelo Clima

Foi criada no dia 2 de setembro de 2009, em São Paulo, a Aliança Brasileira pelo Clima, que reuniu 14 entidades ligadas a vários setores do agronegócio brasileiro, entre elas a ABAG. O objetivo da Aliança Brasileira pelo Clima foi contribuir com propostas concretas para as negociações ligadas à Convenção das

Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP15).

As entidades cobraram do governo brasileiro uma postura mais ativa nas negociações ligadas à Convenção sobre Mudanças Climáticas, que as Nações Unidas realizaram em dezembro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca.

2010 – Presidenciais

Carta encaminhada aos candidatos

à Presidência da República:

Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva

A ABAG – Associação Brasileira de Agronegócio foi estabelecida há 17 anos, com o propósito de conscientizar os segmentos decisórios do País para a importância da harmonização das cadeias produtivas do agronegócio, e sua relevância para o desenvolvimento econômico e social do País.

Congregamos organizações e entidades representativas de todos os segmentos do agronegócio, desde os insumos para a agricultura e a produção animal até a chegada do produto ao consumidor, passando por pesquisa, produção rural, agroindústria, transporte, armazenamento, serviços de toda natureza, distribuição, comercialização e exportação.

Dentre as várias iniciativas para cumprir nossa missão, destacamos a realização anual do Congresso Brasileiro de Agronegócio. Este ano, em sua 9ª edição, o Congresso terá o tema: “Cenários 2011: Comunicação e Governança”, com o objetivo de debater e apresentar ao poder executivo propostas para a sustentabilidade e o desenvolvimento do agronegócio brasileiro.

O evento, a ser realizado no próximo dia 9 de agosto, no Sheraton São Paulo WTC Hotel, deverá contar com aproximadamente 800 participantes,

público este formado por representantes das principais entidades e empresas ligadas aos segmentos econômicos e produtivos do agronegócio nacional e por autoridades dos poderes constituídos.

No período da tarde, teremos o Painel “Propostas dos candidatos à Presidência da República para o Agronegócio Brasileiro”. Queremos apresentar neste painel uma gravação em vídeo de aproximadamente 20 minutos, com o posicionamento de V. Exa. sobre os temas apresentados em nossa proposta. Para tanto, encaminhamos o documento elaborado junto com outras entidades representativas do agronegócio brasileiro, contendo as principais reivindicações do setor, bem como o programa do Congresso.

Certos de poder contar com a participação de V. Exa., pedimos nos informar data, horário e local de sua preferência, para as necessárias providências de nossa parte para realização da gravação do vídeo.

Nesta expectativa, agradecemos a atenção que lhe merecermos e renovamos os protestos da nossa mais alta consideração e estima.

Atenciosamente,
Carlo Lovatelli
Presidente

2012 – Infraestrutura e Logística

Carta encaminhada à ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann

Ref.: Pedido de Audiência para criação de Grupo de Trabalho para avaliar e melhorar as condições de implementação da Lei 12.619/2012, a qual regula e disciplina a jornada de trabalho e o tempo de direção do motorista profissional.

1. O Agronegócio, segmento econômico que congrega grandes usuários do sistema de transporte, em conjunto com empresas transportadoras de carga e caminhoneiros autônomos, representados pelas entidades que subscrevem o presente ofício, solicita que a Casa Civil crie e coordene um grupo de trabalho composto por representantes do setor privado e Governo Federal para discutir:
 - a) Os entraves a serem superados para implementação da Lei nº 12.619/2012, a qual regula e disciplina a jornada de trabalho e o tempo de direção do motorista profissional;
 - b) O estabelecimento de um período de fiscalização com fins exclusivamente educativos de 12 meses, respaldado em diploma legal de igual poder, de forma a dar tempo adequado para solucionar ou mitigar significativamente os gargalos logísticos existentes.
2. Destaca-se que, face ao significativo aumento da produção de grãos para o nível recorde de 180 milhões de toneladas em 2013, o acréscimo do volume a ser movimentado resultará em forte pressão altista sobre os valores dos fretes rodoviários, com impactos nos preços dos alimentos e na renda do produtor rural, uma vez que a implementação plena da lei implicará significativa redução da oferta de transporte caso não sejam adotadas medidas de adaptação.
3. Atualmente, já se verificam no Brasil fretes médios de soja superiores em US\$ 78/tonelada em relação à Argentina, número que se situava ao redor de US\$ 61/tonelada em 2011, conforme disposto no Anexo a este ofício. Deve-se ter em conta que a expansão das fronteiras agrícolas e a insuficiência de portos nas Regiões Norte e Nordeste obrigam os exportadores a recorrer aos distantes e congestionados portos do Sudeste.
4. As dificuldades para adoção e os impactos da nova legislação têm sido objeto de discussão na Câmara Temática de Logística do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Neste fórum, houve consenso entre os membros de que é necessário se ajustar a lei de forma a considerar as peculiaridades do transporte de animais vivos e de perecíveis, tais como as cargas de refrigerados, congelados, ovos, etc. Também foi de entendimento que a nova lei irá onerar o transporte de açúcar e etanol.
5. Por sua vez, no Fórum ABAG-ABIOVE “Safrarecorde de grãos e os desafios da logística”, realizado em 28 de novembro passado, foram registradas as seguintes preocupações:
 - a) Há escassez de cerca de 50.000 motoristas profissionais capacitados a conduzir caminhões e ônibus. Como consequência desta situação, que tem se agravado nos últimos meses, 5% a 10% da frota nacional de veículos de carga está parada por falta de condutores;
 - b) A capacitação de novos profissionais demanda a instalação de novos centros de treinamento em nível nacional;
 - c) A venda de veículos novos de carga pesados e semipesados declinou 30% em 2012 relativamente a 2011. Enquanto isso, o incremento da movimentação da produção agrícola demanda a incorporação de mais 20.000 veículos de carga em 2013;
 - d) Muitas rodovias não oferecem pontos de parada para descanso em condições de atender à determinação da lei de proporcionar condições mínimas de segurança, higiene e conforto. Mesmo as novas concessões rodoviárias que preveem a instalação desses pontos requerem tempo considerável para conclusão das respectivas obras;
 - e) A aplicação estrita da nova legislação leva a uma redução de aproximadamente 30% na oferta de transporte e redução na remuneração do motorista.
6. Certos do acolhimento do pedido de audiência em data de conveniência de Vossa Excelência para tratar da criação de um Grupo de Trabalho, o qual resultará em um diálogo profícuo entre as partes interessadas no sentido de construir a melhor solução logística e social para o País, subscrevemo-nos:



Renovar a própria hi

De um modo geral, assistimos às entidades e empresas do agronegócio estimuladas em espalhar novos valores e estilos de liderança, em prol de um modelo de cultura estruturada e organizada, mais densa e robusta. A boa comunicação ajuda a lidar com as questões sensíveis como as legislações ambientais e trabalhistas. Sabemos que no mundo rural as coisas não funcionam como no urbano, mas o debate desse tema fértil pertence à sociedade. No regime democrático, temos de conviver com críticos e oponentes: isso faz parte da diversidade de julgar e ser julgado.

Sede da Copa do Mundo em 2014 e dos Jogos Olímpicos em 2016, a imagem do agronegócio brasileiro será repercutida para todo o planeta. O evento da Rio + 20, ocorrido em 2012, e tema da Escola Vila Isabel, vencedora do Carnaval do Rio de Janeiro de 2013 e da vice-campeã, Beija-Flor, são exemplos do significado dessas realizações. Presente em todos os municípios nacionais, o agronegócio conta com muitos *cases* positivos para serem mostrados e ajudarem no fortalecimento da sua imagem.



stória

Com a força de mudar uma situação indesejável para desejável, a narrativa bem feita constrói valor para o agronegócio na sociedade. Cultuar esse procedimento facilita o desenvolvimento de muitos processos e da luminosidade para as redes sociais. No Brasil, entre a fronteira marítima do Leste e a fronteira seca do Oeste, o agronegócio é um campo enorme de atividade econômica e social. Um dos principais elementos de integração no País, a cadeia produtiva do agro é a base para a implementação dos programas de infraestrutura e logística anunciados pelo governo federal no Plano de Aceleração do Crescimento (PAC).

O agronegócio possui um lado moderno consolidado do ponto de vista econômico, com seus movimentos cíclicos característicos. É muito difícil todas as cadeias produtivas conviverem com o boom conjuntural. Haverá sempre aqueles em momentos de crise e ajustes. Já a pesquisa, o desenvolvimento e a inovação constituem mudanças estruturais irreversíveis em todas elas, com avanço de ponta na biotecnologia, agricultura de precisão, tecnologia de informação, processamento, automação e logística.

Diretorias



Gestão
março de 1993 a
junho de 1996

Presidente:

Ney Bittencourt de Araújo
Arturo José Furlong

Vice-Presidentes:

Alex Fontana
Rui Polidoro Pinto

Diretores-Executivos:

Ubaldino Dantas Machado
Antonio Herminio Pinazza

IEAG – Instituto Estudos do Agribusiness

Rui Polidoro Pinto
Ubaldino Dantas Machado
Antonio Herminio Pinazza
Ana Célia de Castro
Argemiro Luis Brum
Décio Zylbersztajn
Elisio Contini
Fuad Gattaz Sobrinho
Marcos S. Jank
Mauro de Rezende Lopes
Roque Lauschner

Gestão
julho de 1996 a
junho de 1999

Presidente:

Luiz Alberto Garcia

Vice-Presidentes:

Arturo José Furlong
Nelson Mamede
Roberto Rodrigues

Diretores:

Pedro Carlos de Brito
Petrus A. Henricus Hermans

Diretor-Executivo:

Antonio Herminio Pinazza

IEAG – Instituto Estudos do Agribusiness

Roberto Rodrigues
Antonio Herminio Pinazza
Ana Célia de Castro
Argemiro Luis Brum
Décio Zylbersztajn
Elisio Contini
Ivan Wedekin
Luiz Antonio Pinazza
Marcos S. Jank
Mauro de Rezende Lopes
Mônica Bergamaschi





Gestão
março de 1999 a
junho de 2002*

Presidente:

Roberto Rodrigues

Vice-Presidentes:

César Borges de Sousa
Cristiano Walter Simon

Diretores:

Francisco Matturro
Luiz Carlos Corrêa Carvalho
Mário Barbosa
Pedro Carlos de Brito
Raul Gilberto Corte
Carlo Lovatelli

Diretor-Executivo:

Antonio Herminio Pinazza

IEAG – Instituto Estudos do Agribusiness

César Borges de Sousa
Antonio Herminio Pinazza
Ana Célia de Castro
Argemiro Luis Brum
Décio Zylbersztajn
Elisio Contini
Ivan Wedekin
José Luiz Tejon Megido
Luiz Antonio Pinazza
Marcos S. Jank
Mauro de Rezende Lopes
Régis Alimandro

Gestão
julho de 2002 a
dezembro de 2005

Presidente:

Roberto Rodrigues
Carlo Lovatelli

Vice-Presidentes:

Cristiano Walter Simon
Evaristo Câmara Machado Netto

Diretores:

César Borges de Sousa
Félix Schouchana
Luiz Carlos Corrêa Carvalho
Mônika Bergamaschi
Shiro Nishimura
Urbano Campos Ribeiral

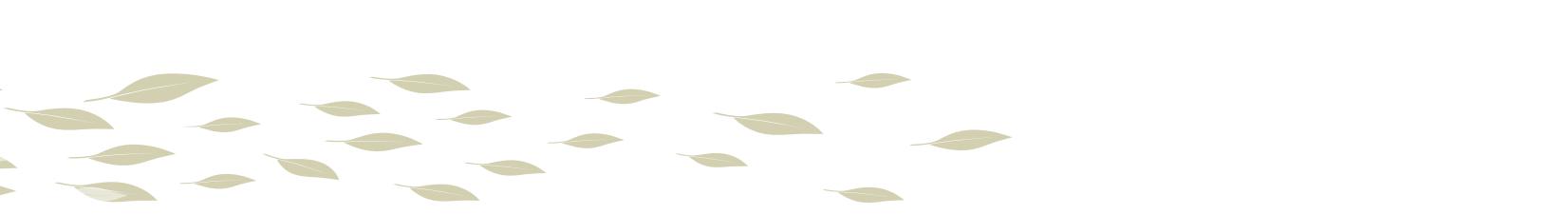
Diretores-Executivos:

Antonio Herminio Pinazza
Alexandre Vieira Abbud

**Diretor do IEAG – Instituto Estudos
do Agribusiness:**

Luiz Antonio Pinazza

*Eleição antecipada de junho para março



Gestão
janeiro de 2006 a
dezembro de 2008

Presidente:

Carlo Lovatelli

Vice-Presidentes:

Cristiano Walter Simon
Evaristo Câmara Machado Netto
Luiz Carlos Corrêa Carvalho

Diretores:

César Borges de Sousa
Félix Schouchana
Francisco Matturro
Ingo Plöger
Luiz Lourenço
Mário Fioretti
Pérsio Luiz Pastre
Urbano Campos Ribeiral
Weber Porto

Diretores-Executivos:

Alexandre Abbud
Eduardo Soares de Camargo

**Diretor do IEAG – Instituto Estudos
do Agribusiness:**

Luiz Antonio Pinazza

Gestão
janeiro de 2009 a
dezembro de 2011

Presidente:

Carlo Lovatelli

Vice-Presidentes:

Cristiano Walter Simon
Luiz Carlos Corrêa Carvalho

Diretores:

Alexandre Enrico Figliolino
César Borges de Sousa
Félix Schouchana
Francisco Matturro
Ingo Plöger
Jorge Oliveira Rodrigues
Luiz Lourenço
Mário Fioretti
Mônika Bergamaschi
Pérsio Luiz Pastre
Urbano Campos Ribeiral
Weber Porto

Diretor-Executivo:

Eduardo Soares de Camargo

**Diretor do IEAG – Instituto Estudos
do Agribusiness:**

Luiz Antonio Pinazza

Gestão atual janeiro de 2012 a dezembro de 2014

Presidente:

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

Vice-presidente:

Francisco Matturro

Diretores:

Alexandre Enrico Figliolino
André Pessoa
César Borges de Sousa
Christian Lohbauer
Eduardo Daher
Glauber Silveira da Silva

Ingo Plöger

Luiz Lourenço

Marcello Brito

Mário Fioretti

Urbano Campos Ribeiral

Weber Porto

Diretor-Executivo:

Eduardo Soares de Camargo

Diretor Técnico:

Luiz Antonio Pinazza



Associadas

Adeco Agropecuária Brasil S/A
ADM do Brasil Ltda.
AGCO do Brasil
Agrifirma Brasil Agropecuária S/A
Agrocerec Nutrição Animal Ltda.
Agroconsult Consultoria e Projetos Ltda.
Agropalma S/A
Algar S.A. Empreendimentos e Participações
Amyris Brasil S/A
Aprosoja Brasil
Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais – ABIOVE
Associação Brasileira dos Criadores de Zebu – ABCZ
Associação Nacional de Defesa Vegetal – ANDEF
Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos – CitrusBR
Banco Cooperativo Sicredi S/A
Banco do Brasil S/A
Banco Itaú BBA S/A
Banco Rabobank International Brasil S/A
Banco Santander S/A
BASF S/A
Bayer S/A
BM&F Bovespa S/A
BRF Brasil Foods S/A
Brascan Agri S/A
Brasilagro Companhia Brasileira de Propriedades Agrícolas
Bunge Alimentos S/A
Caixa Econômica Federal
Caramuru Alimentos S/A
Cargill Agrícola S/A
Ceres Consultoria S/C Ltda.
Cetip S/A – Balcão Organizado de Ativos e Derivativos
CHS do Brasil Grãos e Fertilizantes Ltda.
CMA Consultoria, Métodos e Assessoria Mercantil S/A.
CNH Latin America Ltda.
Cocamar Cooperativa Agroindustrial
Companhia de Tecidos Norte de Minas – COTEMINAS
Coopavel Cooperativa Agroindustrial
Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano – COMIGO
Cooperativa Agropecuária de Araxá – CAPAL
Cooperativa Agropecuária e Industrial – COTRIJAL
Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Guaxupé Ltda. – COOXUPÉ
Demarest & Almeida Advogados



Dow AgroSciences Industrial Ltda.
Du Pont do Brasil S/A
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA
Evonik Degussa Brasil Ltda.
Federação das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul – Fecoagro/Fecotrigo
FMC Química do Brasil Ltda.
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz – FEALQ
Globo Comunicação e Participações S/A
Guarani S/A – Usina Cruz Alta
Guarani S/A – Usina Andrade
Guarani S/A – Usina Mandu
Guarani S/A – Usina São José
Guarani S/A – Usina Severinia
Guarani S/A – Usina Tanabi
Guarani S/A – Usina Vertente
Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias - InpEV
IP Desenvolvimento Empresarial e Institucional
John Deere Brasil S/A
Justino de Moraes Irmãos S/A – JUMIL
Lazzarini Moretti Sociedade de Advogados
Malteria do Vale S/A
Máquinas Agrícolas Jacto S/A
Maubisa Agricultura S/A
Monsanto do Brasil Ltda.
O Telhar Agropecuária Ltda.
Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB
PricewaterhouseCoopers Auditores Independentes
Radar Propriedades Agrícolas S/A
Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola – SINDAG
Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal – SINDAN
SJ Brazil Agropecuária N.1 Ltda.
SLC Agrícola S/A
Sollus Gestora de Terras Ltda.
Stoche, Forbes, Padis, Filizzola e Clápis Sociedade de Advogados
Syngenta
União da Indústria de Cana-de-Açúcar – ÚNICA
União dos Produtores de Bioenergia – UDOP
Usina Alto Alegre S/A – Açúcar e Álcool
Vale Logística Integrada – VLI S/A
Vanguarda Agro S/A
Vision Agro Consultoria Ltda – TIBA AGRO

Publicação Comemorativa dos 20 anos da ABAG

Coordenação: Luiz Antonio Pinazza

Redação e edição: Gislaine Balbinot – MTB 065/MS

Revisão: Elizabeth Mochizuki

Apoio: Emilia Dualibi Santos

Design Gráfico: Mister White

Impressão: Landgraf



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DO AGRONEGÓCIO

Av. Paulista 1754 – cj 147 – São Paulo/SP – 01310-200

Fone/Fax (11) 3285-3100 – E-mail: abag@abag.com.br

Site: www.abag.com.br

twitter: [@abag_brasil](https://twitter.com/abag_brasil) – Facebook: [abagbrasil](https://www.facebook.com/abagbrasil)

12º Congresso Brasileiro do Agronegócio

Logística e infraestrutura

O caminho da competitividade
do agronegócio

5 de agosto de 2013
Sheraton São Paulo
WTC Hotel

